



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
COORDENAÇÃO ACADÊMICA DE LETRAS

ALINE DOS SANTOS DE ANDRADE

O USO DO PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO
NO ESPANHOL MEXICANO

Salvador
2021

ALINE DOS SANTOS DE ANDRADE

**O USO DO PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO
NO ESPANHOL MEXICANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Língua Estrangeira Espanhol do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em Língua Estrangeira Moderna ou Clássica Espanhol.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Felipe da Conceição Pinto

Salvador
2021

ALINE DOS SANTOS DE ANDRADE

**O USO DO PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO
NO ESPANHOL MEXICANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de
Língua Estrangeira, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA,
como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Carlos Felipe da Conceição Pinto (UFBA)
Orientador

Prof. Dr. Sebastian Perichon Stanley (SESI)
Examinador

Prof^a. Dr^a. Viviane Conceição Antunes (UFRRJ)
Examinadora

Salvador, 11 de junho de 2021

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter sido minha fortaleza e meu porto seguro nos momentos em que eu pensei que não iria conseguir.

À minha mãe, que sempre me incentivou e dizia: – já deu tudo certo! Obrigada, mainha, por sua dedicação e amor por mim.

Sou imensamente grata por ter conhecido o professor Dr^o Carlos Felipe. Sou grata por ter feito parte do seu grupo de pesquisa. Eu não tinha noção do quanto esse grupo de pesquisa iria mudar o meu rumo no meio acadêmico. Lembro-me de uma de seus discursos: – Se o aluno bater em minha porta pedindo orientação, eu irei ajuda-lo no que for preciso. E se o aluno não é bom, é o meu papel como educador ajudá-lo a se tornar. O senhor é uma pessoa humana que respeito e admiro muito. Sou imensamente grata, tanto pela orientação como também pelo incentivo de forma direta ou indiretamente.

À Maridalva Souza, minha amiga, por sua amizade e incentivo! As coisas começaram a fazer sentido depois que conheci você. Se eu cheguei até aqui é porque fiz amizades especiais, assim como a sua. Por meio da sua amizade, conheci pessoas maravilhosas como Marco Luiz Mendes.

A Albert Ribeiro, por sua amizade e incentivo. Lembro-me que estávamos na sala do CRDE quando a gente começou a conversar; lembro-me que você me encorajou a confiar em mim e em meu potencial.

A Jeremias, por ter sido um grande amigo e, ao mesmo tempo, por ter sido um grande exemplo para mim em todos sentidos.

Às minhas amigas da graduação: Bia Souza, Gerse Duarte, Jucy Akinluyi e Sil Brito por estarem comigo desde o início dessa jornada. Sou imensamente grata por cada conversa, por cada troca de conhecimento, por cada conselho e por cada momento que passamos juntas, tanto nas aulas como fora dela.

Às minhas professoras, Layz Cruz e Alexandra Gomes, pela troca de conhecimento na sala de aula e, também, por ter ensinado a língua espanhola de forma leve e suave. Na época, eu fazia o espanhol como disciplina optativa, mas depois que comecei a cursar a disciplina com vocês, percebi que eu tinha muita afinidade com essa língua.

À Rosa por sempre ter me incentivado a fazer o que eu realmente amo e gosto. Obrigada, por ter acreditado em mim.

E eu não poderia deixar de agradecer aos professores do Instituto de Letras pela paciência e pela troca de conhecimento.

- Ainda que falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.

(I Coríntios 13:1)

RESUMO

A variação do espanhol não se restringe apenas a diferenças léxicas e fonológicas, mas também a diferenças morfossintáticas. Nesse sentido, uma das diferenças morfossintáticas que vem sendo debatida está relacionada com o uso do *pretérito perfecto compuesto (PPC)*. Levando em consideração que esse tempo verbal na variedade mexicana é diferente do espanhol em geral, o objetivo principal deste trabalho é analisar o uso do *PPC* na Ciudad de México e Monterrey, afim de verificar qual valor aspectual está vinculado ao *PPC* do espanhol mexicano. À vista disso, este trabalho segue à luz da Teoria de Princípios e Parâmetros na sua versão Minimalista. Esta pesquisa desenvolve um estudo qualitativo e quantitativo, visto que os dados analisados servem de base para a verificação e compreensão se tal fenômeno empregado no espanhol mexicano é diferente do espanhol em geral. A forma de coleta dos dados ocorreu através de um corpus oral que advém do Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España e América (PRESEEA). Os resultados obtidos demonstram que o *PPC* está vinculado aos dois valores aspectuais: pontual e durativo.

Palavras-chave: Aspecto lexical; Língua espanhola; Variedade mexicana; Pretérito perfecto compuesto; Variação morfossintática; PRESEEA.

RESUMEN

La variación del español no se limita solo a diferencias léxicas y fonológicas, sino también a diferencias morfosintácticas. En este sentido, una de las diferencias morfosintácticas que se ha debatido está relacionada con el uso de pretérito perfecto compuesto. Teniendo en cuenta que este tiempo verbal en la variedad mexicana es diferente del español en general, el objetivo principal de este trabajo es analizar el uso de PPC en la Ciudad de México y Monterrey, con el fin de verificar qué valor de aspecto se vincula a PPC en español mexicano. Por ello, este trabajo sigue la luz de la Teoría de Principios y Parámetros en su versión Minimalista. Esta investigación desarrolla un estudio cualitativo y cuantitativo, ya que los datos analizados sirven de base para verificar y comprender si este fenómeno utilizado en el español mexicano es diferente del español en general. La forma de recogida de datos se produjo a través de un *corpus* oral que proviene del Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y América (PRESEEA). Los resultados obtenidos demuestran que el PPC está ligado a dos valores aspectuales: puntual y durativo.

Palabras clave: Aspecto léxico; Lengua española; Variedad mexicana; Pretérito perfecto compuesto; Variación morfosintáctica; PRESEEA.

ABSTRACT

The variation of Spanish is not restricted only to lexical and phonological differences, but also to morphosyntactic differences. In this sense, one of the morphosyntactic differences that has been debated is related to the use of ; perfect past tense composite. Considering that this tense in the Mexican variety is different from the Spanish in general, the main objective of this work is to analyze the use of PPC in Ciudad de México and Monterrey, in order to verify which aspectual value is linked to the PPC of Mexican Spanish. Considering this, this work is based on the Principles and Parameters Theory in its Minimalist version. This research develops a qualitative and quantitative study, since the analyzed data serve as a basis for verifying and understanding whether this phenomenon used in Mexican Spanish is different from Spanish in general. The form of data collection occurred through an oral corpus that comes from the Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España and America (PRESEEA). The results obtained demonstrate that the PPC is linked to two aspectual values: punctual and lasting.

Keywords: Lexical aspect; Spanish language; Mexican variety; Perfect past tense composite; Morphosyntactic variation; PRESEEA;

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FF – *Forma Fonética*

FL – *Forma Lógica*

PM – *Programa Minimalista*

PPC – *Pretérito Perfeito Composto*

PPS – *Pretérito Perfeito Simples*

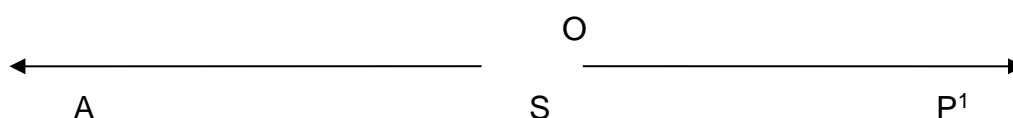
PRESEEA – *Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América*

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	A GRAMÁTICA GERATIVA E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	17
1.1	A GRAMÁTICA UNIVERSAL	20
1.2	PRINCÍPIOS E PARÂMETROS	22
1.2.1	Língua-E vs Língua-I	25
1.2.2	Traços Lexicais	26
1.3	DIVERSIDADE DA LÍNGUA ESPANHOLA	28
1.4	CONCLUINDO O CAPÍTULO	30
2	AS CATEGORIAS VERBAIS: TEMPO, MODO E ASPECTO	31
2.1	ASPECTO LEXICAL OU ASPECTO GRAMATICAL	33
2.1.1	O aspecto Lexical ou Aktionsart	34
2.2	DIFERENÇA ASPECTUAL ENTRE O PPS E PPC	39
2.3	CONCLUINDO O CAPÍTULO	43
3	APRESENTAÇÃO DOS DADOS	44
3.1	RESULTADOS DA ANÁLISE DOS DADOS	45
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
	REFERÊNCIAS	54

INTRODUÇÃO

Em algumas línguas, o verbo pode ser flexionado em pessoa, número, tempo, aspecto, modo e voz. As ações acontecem no tempo e, de modo geral, o tempo verbal indica o momento em que se realiza uma ação, seja no presente, passado ou futuro. Rojo e Veiga (2000) afirmam que o tempo é representado por uma linha com um ponto central (O), duplamente orientada e aberta por ambos os extremos. Conforme o gráfico apresentado abaixo, os acontecimentos podem ser situados na zona anterior (A), simultânea (S) ou posterior (P) ao ponto zero, que significa o momento da enunciação. As formas verbais, portanto, podem ter valor de anterioridade, simultaneidade e posterioridade.



No espanhol, o tempo passado se divide em cinco formas verbais no modo indicativo: o pretérito perfeito simples (ou indefinido), o pretérito perfeito composto, pretérito imperfeito, o pretérito pluscuamperfeito e o pretérito anterior, que está em desuso.

Quadro 1 – Formas verbais do tempo passado

MODO INDICATIVO	
Pretérito Simples	<i>Canté</i>
Pretérito Perfecto Compuesto	<i>He Cantado</i>
Pretérito Imperfecto	<i>Cantaba</i>
Pretérito Pluscuamperfeito	<i>Había Cantado</i>
Pretérito Anterior	<i>Hubo Cantado</i>

Fonte: autoria própria (2021)

O pretérito simples é definido como um tempo acabado, finalizado e não possui nenhuma relação com o presente; normalmente utiliza marcadores temporais como: *ayer, año pasado, mes pasado* etc. Vejam-se os exemplos em (1):

¹ Retirado de Rojo e Veiga (2000, p.2874) gráfico 44. El tiempo verbal. Los tempos simples.

- (1) a. *Ayer* fui al cine con mi novio.
 b. *Compré* uma blusa para mi madre.

Em (1) temos dois exemplos do *pretérito perfeito simples (PPS)*, sendo o exemplo (1a) acompanhado de um marcador temporal “ayer”, esse tempo verbal expressa uma ação finalizada no passado. Gili Gaya (1978, p.157) chama o *pretérito perfeito simples* de *pretérito perfeito absoluto*, ou seja, é a forma absoluta do passado independente de qualquer outra ação, como ilustrado em (1b).

Autores como Milani (2008), Murriel e Rebagliati (1992) e Gómez Torrego (2005), dentre outros autores da gramática tradicional, afirmam que o *pretérito perfeito composto* do espanhol é um tempo verbal que indica uma ação passada que guarda relação com o presente e, normalmente, vem acompanhado com marcadores de tempo, como: *hoy, esta mañana, este año, siempre* etc. Vejam-se o exemplo a seguir:

- (2) *Ha llovido* mucho esta noche.

Em (2) o *pretérito perfeito composto (PPC)* é usado como ação passada e perfeita, além disso, utiliza o marcador temporal “esta noche”, que dá ideia de um passado que tem relação com o presente (o momento da fala é a noite, que não terminou ainda). Ainda sobre essa forma composta, uma gramática de espanhol para brasileiros diz que:

Pretérito perfeito expressa ação passada e perfeita, que guarda relação (real, pensada ou percebida por quem fala) com o presente. Indica também um passado imediato, que acaba de ocorrer, ou seja, denota um fato ocorrido num espaço de tempo que ainda não terminou. Não se deve usar o pretérito com marcadores de tempo que indiquem um período acabado, isto é, que não incluam o momento presente da enunciação. (MILANI, 2008, p. 211-212)

Llorach (1978) destaca que Andrés Bello usa a termo *pretérito* para denominar a forma simples e usa a terminologia *antepresente* para denominar a forma composta. A forma simples significa anterioridade do atributo (predicado) ao ato da palavra e a forma composta tem relação com algo que ainda existe. O termo antepresente expressa anterioridade da situação denotada com respeito a um ponto de referência situada no presente (BOSQUE; DEMONTE, 1999).

- (3) Roma se hizo señora del mundo. (LLORACH,1978, p.15)
 (4) La Inglaterra se ha hecho señora del mar. (LLORACH,1978, p.15)

Em (3) a forma verbal representa uma ação que já passou, nesse caso seria o que o autor define de *pretérito* e em (4) a forma composta tem relação com algo que ainda existe. Apesar de expressar anterioridade, essa forma verbal expressada nessa oração tem relação com o presente, por isso é denominado por Bello como *antepresente*. Os dois tipos de pretéritos estão se referindo a um passado terminado e perfectivo, porém um está se referindo a um passado vinculado ao tempo já acabado e outro a um passado vinculado a um tempo presente.

Tanto o *PPS* como o *PPC* são caracterizados pelo aspecto perfectivo e o *pretérito imperfecto* com o aspecto imperfectivo. Vejam-se os exemplos em (5):

- (5) a. *Ha llovido* mucho esta noche.
 b. Anoche *cenamos* en lo de Pepe.
 c. Siempre *estudiaba* de madrugada.
 (MILANI, 2008, p. 2010-2012)

Em (5a) a forma verbal expressa um tempo passado e um aspecto perfeito, porém a forma composta “ha llovido” tem relação com o momento da enunciação do falante. Em (5b) a forma verbal expressa um tempo passado e um aspecto perfeito, porém não tem relação com o momento de enunciação do falante. Por fim, em (5c) a forma verbal expressa um tempo passado e um aspecto imperfectivo, ou seja, é uma ação repetitiva/durativa. Para melhor entendermos essa questão de aspecto, Gili Gaya (1978) comenta que:

En los tiempos imperfectos, la atención del que habla se fija en el transcurso o continuidad de la acción, sin que le interesen el comienzo o el fin de la misma. En los perfectos resaltan la delimitación temporal. Comía es una acción imperfecta; he comido es un acto acabado, perfecto. Nótese que el perfecto tiene en Gramática el riguroso sentido etimológico de <<completo>> o <<acabado>>. (GILI GAYA, 1978, p. 148-149)

De Miguel (1999) define *aspecto* como um amplo conjunto de informações relacionadas ao evento descrito por um predicado. Existem diferentes maneiras de

nomear um evento com relação ao *aspecto léxico*, por exemplo, o aspecto informa a maneira como um evento se desenvolve ou como ocorre, podendo implicar uma mudança, no caso do verbo *amadurecer*, podendo implicar um limite alcançado, no caso do verbo *chegar*, podendo implicar ação única, no caso do verbo *disparar*, podendo implicar uma ação repetitiva, no caso do verbo *metralhar* e assim por diante. Vejam alguns dos exemplos de aspecto dados por De Miguel (1999):

El aspecto informa también sobre la extensión temporal del evento: un periodo no acotado en el tiempo (como el caso de ser inteligente), un intervalo acotado (en el caso de madurar) o un instante (en el caso de explotar); sobre cuál es la fase principal del evento descrito: el inicio (como florecer), la fase media (como envejecer) o la fase final (como en nacer); asimismo, el aspecto puede informar sobre la intensidad con que el evento tiene lugar: por ejemplo, peinar es un evento de intensidad neutra con respecto al intensivo repeinar y atenuativo atusar. (DE MIGUEL, 1999, p. 2979)

Segundo Lope Blanch (1989), a língua espanhola continua sendo um sistema linguístico de comunicação comum a vinte nações, porém há diferenças léxicas, fonéticas e morfossintáticas. Sobre essa diversidade afirma o seguinte:

La lengua española sigue siendo el sistema lingüístico de comunicación común a veinte naciones, no obstante las particulares diferencias – léxicas, fonéticas y, en menor grado, morfosintáticas – que esmalitan el uso en unas y otras. Diferencias que se producen entre todos esos veinte países, sin permitirnos establecer dos grandes modalidades bien contrastadas – español y americana – por cuanto que, además, existe mayor afinidad entre algunas modalidades americanas y españolas que entre ciertas modalidades hispanoamericanas entre sí. (LOPE BLANCH, 1989 apud FONTONELLA DE WEINBERG 1992, p.14)

Nesse sentido da variação linguística, Lope Blanch (1961;1992) sustenta a ideia de que uma das mudanças morfossintáticas na variedade mexicana que vêm ocorrendo desde o século XVI está relacionada com o uso dos pretéritos perfeitos, uma vez que no México essas formas verbais parecem ter valores aspectuais distintos. O *PPS* expressa um valor aspectual perfectivo, ou seja, um evento acabado, terminado e completo que não tem nenhuma relação com o presente. Já o *PPC* expressa um valor aspectual imperfectivo/durativo que indica a continuidade do evento, um passado que chega ao presente e pode continuar até o futuro. Lope Blanch (1992) comenta:

La distribución funcional de los dos pretéritos del indicativo, simple (canté) y (he cantado), no se había fijado aún en el castellano que llegó al Nuevo Mundo. Y su diferenciación siguió en México vías propias: en tanto que en España las diferencias entre ambas formas fueron haciéndose de carácter básicamente temporal, en México obedecieron a razones de índole esencialmente aspectual. Donde el español castellano dice “! Ya te has caído, hombre! ¿Te hiciste daño?”, el español mexicano dice “! Ya te caíste! ¿Te hiciste daño?” La razón fundamental radica en el hecho de que en el español castellano ambas formas son perfectivas, pero la simple hace referencia a un pasado remoto o desligado del ahora en que se habla, mientras que la compuesta se refiere a un pasado próximo o actualizado. En México, en cambio, la forma simple expresa acción perfecta, acabada, cumplida, aunque sea en un pasado inmediato (“¿Te hiciste daño?”), en tanto que la compuesta hace referencia a una acción imperfecta o reiterada, inacabada, a un pasado que llega al presente y puede prolongarse hacia el futuro. (LOPE BLANCH, 1992, p.187)

Assim como Lope Blach (1961;1992), Moreno de Alba (1975) também assume que o PPC da língua espanhola não é sistematicamente perfectivo porque não se manifesta com o mesmo valor aspectual em todos os seus dialetos. Vejam-se o que Moreno de Alba comenta:

Resumiendo aquello que puede envolver todas las definiciones anteriores, puede decirse que para el español peninsular, el antepresente es un tiempo perfecto, que designa acciones pretéritas que guardan relación con el presente (sea por su efecto, sea por su proximidad). Para el español mexicano, es imperfecto y su valor temporal, aún presente. (MORENO DE ALBA, 1975, p.187)

Em sua pesquisa sobre as formas verbais no espanhol falado no México, Moreno de Alba (1975) esclarece que os resultados encontrados no *corpus* analisado se manifestam com um valor aspectual imperfectivo, apesar da maioria dos autores afirmarem que o *antepresente* é um tempo perfectivo. Moreno de Alba (1975) conclui que nem todos os *PPC* analisados podem ser interpretados como imperfectivo da mesma natureza. Vejam-se os exemplos a seguir:

- (6)
- a. Y ellos *han sido* siempre muy amable con nosotros.
 - b. Me lo *han platicado* muchachos que *han ido* allá.
 - c. Vamos a tener que reforzar los conocimientos porque *ha habido* pequeñas rectificaciones en la nomenclatura.
 - d. Suponte que tú tienes el cargo de defender a un hombre que *ha matado*.

(MORENO DE ALBA, 1975, p. 69-70 grifos nosso)

Moreno de Alba (1975) salienta que esses exemplos extraídos do seu *corpus* não têm o mesmo valor aspectual. Em (6a), a forma verbal manifesta um aspecto

plenamente imperfectivo, que equivale a “son” ou “vienen siendo”. Em (6b), a forma verbal manifesta um aspecto interativo e imperfectivo, no sentido de que equivalem a “han platicado e puede seguir haciéndolo” e “han ido y puede volver a ir”. Em (6c), a forma verbal também manifesta um aspecto interativo e imperfectivo. Por fim, em (6d) a forma verbal manifesta um valor perfectivo, no sentido de que equivale a “mató”.

Alves (2018), em sua dissertação, problematiza essa questão trazendo os dois tipos de *pretéritos perfectos* do espanhol mexicano tanto da cidade de Monterrey como da Ciudad de México. Porém, não faz uma análise do *corpus* na perspectiva que traz Lope Blanch (1992) sobre a mudança no valor aspectual do *PPC*. A autora somente quantifica os dados coletados. Ela mostra que há 3174 ocorrências do *PPS*, sendo 2030 da Ciudad de México e 1144 da cidade de Monterrey; enquanto que a ocorrência do *PPC* totaliza apenas 470, sendo 272 da Ciudad de México e 198 da cidade de Monterrey.

A opinião defendida por Lope Blanch (1961;1992) sobre o *PPC* da variedade mexicana e os exemplos extraídos do *corpus* de Moreno de Alba (1975) sustentam a ideia de que o *PPC* da variedade mexicana apresenta um aspecto durativo (*imperfectivo*), sendo assim, diferente das demais variedades americanas e, principalmente, da variedade peninsular. Nessa perspectiva, levantamos o seguinte questionamento: O *pretérito perfecto compuesto* no México tem apenas o valor durativo, ou apenas o pontual, ou os dois valores?

Ao verificar que há o valor durativo por meio dos dados coletados e analisados, seria interessante verificar quais os predicados que podem aparecer com esse valor. Por que alguns predicados verbais não aceitam o aspecto durativo, a não ser que tenham outros elementos? Por exemplo: em “Maria *ha nacido*”, a conclusão que se tem é de que “*ha nacido*” remete a uma ação finalizada no passado e não de uma ação com aspecto durativo; *nacer* não é um processo naturalmente durativo, assim como *escrever* não é uma ação pontual. Já a frase “*Ha nacido* mucha gente” pode remeter uma ação imperfectiva, nasceu e continua nascendo muita gente.

À vista disso, com o objetivo de verificar o traço na categoria de aspecto responsável pela variação do uso do *PPC* na variante mexicana, este trabalho segue à luz da Teoria de Princípios e Parâmetros na sua versão *Minimalista*, essa

versão assume que os traços codificados no léxico funcional são os responsáveis pela variação e diversidade linguística.

Considerando que os usos do *PPC* do espanhol mexicano são diferentes do espanhol em geral e que há essa variedade dentro da comunidade de fala mexicana, assumimos, conforme Lope Blanch (1992) aponta, a hipótese que o pretérito perfeito composto possui um aspecto imperfectivo e os predicados que aparecem com esse tempo só podem ser predicados cujo aspecto léxico não seja pontual.

Essa pesquisa tem o objetivo de descrever e analisar o Pretérito Perfeito Composto na Ciudad de México e Monterrey a partir de 6 entrevistas do corpus do Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y América (*PRESEEA*) coletadas entre 2005 a 2010. Além disso, verificaremos qual o *aspecto léxico* vinculado pelo *PPC* e por fim, iremos comparar os resultados obtidos nessas duas cidades mexicanas a fim de verificar se há variação dialetal.

O interesse por esta pesquisa justifica-se por discutir um aspecto relevante e ainda pouco estudado de maneira empírica do espanhol mexicano. Para além das repercussões no âmbito da descrição e análise linguística, essa pesquisa poderá colaborar para os processos de ensino-aprendizagem de espanhol uma vez que lidar com dados linguísticos que podem servir de *input* para a aquisição.

O texto é organizado em três capítulos como se segue. O primeiro se destina ao marco teórico no qual se baseia este trabalho, pela Teoria de Princípios e Parâmetros em que faço uma breve apresentação sobre a Faculdade da Linguagem, a Gramática Universal, os traços léxicos e também sobre alguns estudos voltados ao tema central deste trabalho. O segundo capítulo retomo a noção de aspecto léxico e a discussão sobre o *pretérito perfecto compuesto* da língua espanhola. No terceiro capítulo, apresento uma análise dos dados coletados nas duas cidades do México.

1 A GRAMÁTICA GERATIVA E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Foi a partir da segunda metade do século XX que a linguística saiu dos padrões estruturalistas e se inseriu no arcabouço do gerativismo linguístico. Segundo Kenedy (2013) as ideias do norte-americano Noam Chomsky revolucionaram o estudo da linguagem e inseriu a linguística no contexto da segunda revolução cognitiva. Até a metade dos 60 do século XX, a linguística ocupava-se quase exclusivamente da dimensão social e histórica da linguagem humana.

A corrente estruturalista – dominante na primeira metade do século passado – assumia a concepção externalista para língua, ou seja, concentrava-se nos usos “externos “ da linguagem. Para essa corrente, todo tipo de comportamento humano ou animal eram gerados externamente, por meio de cadeias associativas entre dados estímulos e respostas. A aprendizagem de uma língua se dava por meio de recompensas ou reforços advindos do ambiente externo.

Se a aprendizagem se dá por meio da repetição advindos do ambiente, como que as crianças conseguem criar novas frases e discursos que nunca ouviram ou produziram antes? A partir da década de 1950, com os questionamentos levantados pelo linguista norte-americano Noam Chomsky, há uma ruptura da visão que se tinha sobre a linguagem humana.

Será que realmente a língua é um conjunto de hábitos? Será que basta a descrição linguística? Será que conhecer estruturas é suficiente? Esses foram um dos questionamentos levantados pelo precursor da teoria gerativa. Conforme Kenedy (2013), Chomsky ao publicar sua famosa resenha sobre o livro Comportamento verbal demonstrou o caráter criativo da linguagem humana, sua natureza mental e abstrata, por oposição ao modelo de linguagem como comportamento condicionado pelo ambiente defendido pelos Behavioristas.

Desde então, Chomsky adotou a concepção internalista para explicar que a linguagem é vista como um conhecimento interno à mente humana e não como um condicionamento social, adquirida por meio de estímulos e respostas como defendiam os estudiosos da época. Se realmente a língua é um conjunto de hábitos adquiridos, um papagaio ou qualquer outro animal por ter um aparelho fonador formado poderia ser capaz de adquirir, compreender e criar novas frases e

discursos. Os animais por mais que sejam submetidos a algum tipo de treinamento, jamais terão essa capacidade.

Segundo Kenedy (2013), a principal característica das línguas humanas, seja nas crianças ou adultos, é a criatividade, isto é, a capacidade de criar e compreender novas frases e discursos, diferentes daqueles que já ouvimos.

Apesar de Chomsky ter inserido a linguística no contexto da revolução cognitiva nos anos 60 do século XX e ter proposto uma explicação sobre o conhecimento da língua, sua natureza, origem e uso, muitos estudiosos, professores e linguistas questionam a linguagem como um conhecimento interno à mente humana.

De acordo com Raposo (1992), a questão da aquisição da linguagem foi, e continua sendo, uma das questões mais debatidas na história do pensamento filosófico e linguístico. O impasse que vem sendo discutido é sobre o papel específico da mente humana no processo de aquisição da linguagem. O autor destaca que na perspectiva empirista, muitos defendem que os fatores externos a mente humana desempenham um papel fundamental na aquisição da linguagem. Por outro lado, os chamados racionalistas defendem que a mente humana desempenha um papel fundamental na aquisição da linguagem. Segundo Raposo (1992) na perspectiva racionalista:

[...] as propriedades centrais da linguagem são determinadas por princípios e estruturas mentais de conteúdo especificamente linguístico, as quais funcionam como uma espécie de << planta >> arquetônica no processo de aquisição, dirigindo o desenvolvimento linguístico num sentido predeterminado. Essas estruturas mentais pertencem exclusivamente a espécie humana e são geneticamente determinadas, ou seja, radicam na organização biológica da espécie.

(RAPOSO, 1992, p.35)

As ideias do pensamento racionalista muito influenciaram Noam Chomsky na Teoria Gerativa. Essa teoria não nega o papel do meio ambiente no desenvolvimento linguístico, porém não basta apenas uma criança em fase de aquisição ser exposta ao ambiente. A aquisição da língua acontece porque todo ser humano, com exceção daqueles que nascem com algum distúrbio, tem uma capacidade inata para desenvolver o conhecimento linguístico.

O gerativismo assume uma visão voltada ao cognitivo e é um dos modelos mais influentes nas ciências cognitivas (KENEDY, 2013). Por seguir uma visão

mentalista, o gerativismo acredita que o desenvolvimento linguístico de qualquer ser humano está relacionado com o conhecimento interno, localizado na mente humana, e não a fatores externos do meio.

É preciso que o ser humano seja exposto ao meio ambiente para poder desenvolver uma gramática particular, porém se o indivíduo não tivesse uma capacidade inata inerente à espécie humana, jamais poderia adquirir e compreender uma língua. Essa capacidade inata denominada pelo gerativismo como Faculdade da Linguagem pertence exclusivamente a espécie humana e faz parte do seu código genético.

O termo internalista, assim como o termo naturalismo foram usados por Chomsky, especialmente na década de 90, para se referir a concepção de língua como um órgão mental. Segundo Eguren e Soriano (2004)

[...]desde una perspectiva internalista, el lenguaje sería, ante de nada, una facultad de la especie e una propiedad de la mente de los individuos, y no algo externo a la mente o al código genético (un conjunto de enunciados o código compartido, por ejemplo). En consecuencia, si el lenguaje es un fenómeno interno, genético y mental, y si desecha, como parece inevitable, el dualismo sustancial cartesiano, el lenguaje no puede ser tratado entonces sino como un objeto real, en este caso como un órgano o sistema biológico, que, como el resto de los objetos del mundo, puede y debe ser estudiado de manera naturalista, es decir, de la manera en que ciencias naturales como la biología o la física estudian el mundo. (EGUREN; SORIANO, 2004, p. 14-15)

Conforme Eguren e Soriano (2004) apontam, a linguagem é uma faculdade da espécie e uma propriedade da mente dos indivíduos, ou seja, um órgão mental; não é algo externo como muitos defendem. Partindo de uma perspectiva internalista, a linguagem deve ser tratada como um objeto real do mundo e deve ser estudada de maneira naturalista, assim como estudamos as ciências naturais.

Segundo Raposo (1992), adquirir uma língua é mais questão de maturação e de desenvolvimento de um órgão mental biológico do que uma questão de aprendizagem. Chomsky (1997) ao considerar a Faculdade da Linguagem como um órgão mental faz o seguinte comentário:

Faculdade de linguagem pode razoavelmente ser considerada como "um órgão linguístico" no mesmo sentido em que na ciência se fala, como órgãos do corpo, em sistema visual ou sistema imunológico ou sistema circulatório. Compreendido desse modo, um órgão não é alguma coisa que possa ser removida do corpo deixando intacto todo o resto. Um órgão é um subsistema que é parte da estrutura mais complexa. (Chomsky, 1997, p.50.)

O precursor da Teoria da Gramática – Noam Chomsky – assume que os seres humanos nascem dotados de uma faculdade da linguagem, que é um componente da mente/cérebro especificamente dedicado a língua. Conforme Chomsky (1997) salienta, a faculdade da linguagem é considerada um órgão mental que faz parte da estrutura mais complexa do indivíduo. Daí o porquê Eguren e Soriano (2004) comentam que a faculdade da Linguagem deve ser estudada de maneira naturalista, pois o gerativismo considera que essa faculdade é inerente a espécie humana.

1.1 A GRAMÁTICA UNIVERSAL

O interesse pelas línguas, por sua origem e por saber como se constitui a mudança linguística não é um assunto recente, pois o homem sempre procurou respostas para essas e outras questões sobre a linguagem humana. Vale destacar que as línguas naturais possuem uma diversidade e heterogeneidade muito vasta. Kenedy (2013) aponta que existem mais de 6 mil línguas naturais vivas pelo mundo. Além dessa grande quantidade de línguas existentes, grandes são as diferenças entre elas. Existem diferenças fonológicas, lexicais e morfossintáticas, e essa diversidade faz dessas línguas existentes um dos maiores tesouros da história da cultura humana.

Apesar dessa diversidade e heterogeneidade entre as línguas humanas, ao fazermos um retorno no tempo, perceberemos que há séculos atrás, muitos estudiosos começaram a ter interesse em saber se em meio a essa heterogeneidade e diversidade linguística havia uma homogeneidade entre as línguas humanas.

Kenedy (2013) salienta que:

A percepção de que as línguas do mundo compartilham um grande número de semelhanças é muito anterior ao surgimento da linguística gerativa. Diversos gramáticos e filósofos desde, pelo menos, a época do Renascimento já estavam conscientes de que as línguas humanas guardavam entre si considerável parentesco sintático, que parecia esconder-se sob as idiosincrasias do léxico e da morfologia dos diferentes idiomas. (KENEDY,2013, p.92)

Apesar de muitos estudiosos considerarem que o século XIX é o marco inicial da linguística como ciência, Noam Chomsky reconhece que o conhecimento sobre os universais linguísticos existentes na mente humana é um assunto que foi tratado muito antes dele formular uma teoria que revolucionou a linguística nas ciências cognitivas. Por exemplo, Claude Lancelot (1615-1695) e Antoine Arnauld (1612-1694), na época clássica do racionalismo europeu, observaram a existência de aspectos comuns entre algumas línguas. Inclusive, elaboraram uma gramática, conhecida como Port Royal. As reflexões desses estudiosos mostraram a língua como um produto da razão, além disso, suas reflexões levaram a pensar que haviam propriedades ligadas a mente humana que funcionavam como núcleo comum as línguas (MOURA; CAMBRUSSI, 2018).

Nesse sentido, Chomsky (junto com suas inquietações e questionamentos) buscou, desde seus primeiros trabalhos, mostrar que a linguagem é uma capacidade inata inerente ao ser humano e que apesar da diversidade entre as línguas, há propriedades universais entre elas.

As ideias e reflexões da época clássica do racionalismo europeu sobre as línguas humanas influenciaram Noam Chomsky para que pudesse desenvolver uma teoria que explicasse o uso e funcionamento das línguas naturais.

Kenedy (2013) aponta que

As reflexões de Port-Royal, Descartes, Humboldt e outros abriram o caminho para que, no século XX, a busca pelos universais da linguagem atingisse o seu clímax. Já nos anos 1960, Chomsky começava a formular uma nova teoria que buscava explicar a maneira pela qual a universalidade linguística assenta-se por detrás das grandes diferenças visíveis entre as línguas particulares. Foi com o conceito de Gramática Universal (GU) que o gerativismo ressignificou a busca nacionalista pelos universais linguísticos. (KENEDY, 2013, p.94)

Apesar de a Faculdade da Linguagem ser uma dotação genética e a mente/cérebro ser a morada da linguagem, uma criança, por exemplo, não nasce dominando uma língua particular. As crianças têm uma predisposição para aquisição de qualquer língua, seja português, espanhol, alemão, etc. Mas a língua particular que uma criança irá desenvolver ainda precisa passar por um processo. Conforme Chomsky (1997):

[...] cada língua é resultado da interação de dois fatores: o estado inicial e o curso da experiência. Podemos conceber o estado inicial como um mecanismo de aquisição de linguagem que recebe como dados de entrada (input) a experiência, e fornece como saída o (output) a língua – saída esta que constitui um objeto internamente representado na mente/cérebro. (CHOMSKY,1997, p. 51)

É por isso que uma criança ao nascer tem a capacidade de desenvolver qualquer língua. Isso é possível porque ela tem alguma informação de natureza linguística que serve de base para desenvolver, por exemplo, o português, o espanhol, o alemão ou qualquer outra língua. No início do processo de aquisição, o acesso ao input (dados linguísticos de certa língua) irá determinar ou selecionar a língua particular da criança.

Segundo os gerativistas, esse início de processo é um conjunto de informações linguísticas compatível com todas as línguas. É um Estágio Inicial de aquisição da linguagem, denominada pelos gerativistas como Gramática Universal (GU). Todos os seres humanos, com exceção dos que possuem alguma patologia, possuem exatamente a mesma GU ao nascerem. Trata-se de uma estrutura cognitiva, e faz parte da herança genética de cada membro da espécie humana, do mesmo modo que a visão é parte dessa herança. (LOBATO,1986, p.399)

A Gramática Universal é chave para compreender as semelhanças encontradas entre as línguas naturais. Noam Chomsky assume que as línguas particulares são formadas a partir do mesmo estágio inicial inscrito na GU. (KENEDY, p.95, 2013). Daí o porquê de as línguas compartilham muitas semelhanças entre si.

1.2 PRINCÍPIOS E PARÂMETROS

Foi no início dos anos 80, do século XX, que a Linguística Gerativa formulou a Teoria de Princípios e Parâmetros. De acordo com essa teoria, a GU, no estágio inicial, constitui-se de dois conjuntos de elementos: os princípios e os parâmetros.

Conforme aponta Kenedy (2013) os princípios são leis universais comuns a todas as línguas naturais. Ou seja, são conjuntos de regularidades gramaticais. Dentre os principais princípios, temos: o Princípio de Dependência Estrutural que diz respeito ao movimento dos constituintes, ou seja, esse princípio determina que as regras de movimento apenas podem mover constituintes sintáticos; o Princípio de

que as orações das línguas humanas possuem um SN sujeito e SV predicado (RAPOSO,1992); o Princípio da Subordinação – estabelece que uma oração sempre poderá ser inserida como constituinte de outra oração, subordinando-se a ela (KENEDY,2013).

Os responsáveis pela variação estrutural entre as línguas são denominados de parâmetros. Eles são um conjunto limitado de variações, ou seja, são propriedades que uma língua pode ou não exibir. É durante o estágio inicial da aquisição da linguagem que a GU irá retirar informações da língua ambiente (input) de modo a formatar os seus parâmetros. É somente no final do processo de aquisição da linguagem, denominado de estágio estável, que os parâmetros de uma língua particular estarão completamente assimilados. (KENEDY, 2013, p.97). Portanto, uma criança adquire uma língua particular - a estrutura gramatical de sua língua – à medida que os dados do input são filtrados e durante esse processo, os valores dos parâmetros são marcados.

Nesse sentido, a marcação de valores é determinada de fora, pelos dados linguísticos particulares a que a criança é exposta. Um exemplo é o parâmetro do sujeito nulo.

Conforme Raposo (1992),

A gramática Universal contém um princípio rígido que determina a existência da posição de sujeito nas orações das línguas humanas. A Gramática Universal, no entanto, não determina que essa posição seja necessariamente preenchida por um SN com conteúdo fonético. Assim, em línguas como o português, o italiano e o espanhol, é possível deixar essa posição vazia. (RAPOSO, 1992, p. 56)

O parâmetro do sujeito Nulo pode ser marcado como positivo e gerar línguas [+ sujeito nulo] ou pode ser marcado como negativo gerando línguas [- sujeito nulo] (KENEDY, 2013).

Há línguas que possuem a posição de sujeito nas sentenças, todavia não o realiza foneticamente. Essas línguas são denominadas de acordo com a Teoria de Princípios e Parâmetros como línguas Pro-Drop ou línguas de parâmetro nulo. Considerem-se os exemplos, em português europeu e em espanhol respectivamente.

- (7) Português [+ sujeito nulo]
Eu estou bem.

_ estou bem.

- (8) Espanhol [+ sujeito nulo]
Yo compré una nueva casa.
 _ compré una nueva casa.

Por outro lado, em outras línguas, essa possibilidade não é aceitável, caso aconteça, a sentença se torna agramatical, tal como se verifica na língua inglesa e na língua francesa.

- (9) Inglês [- sujeito nulo]
 “ **I** am fine.”
 “ * _ am fine.”

- (10) Francês [- sujeito nulo]
 “ **Elle** parle beaucoup.”
 “ * _ parle beaucoup.”

Há línguas que o núcleo (o verbo) vem antes do seu complemento e a sentença fica na ordem sujeito, verbo e objeto (SVO) como é o caso do português, do espanhol, do inglês etc. E há línguas que o núcleo ocorre depois e a sentença fica na ordem sujeito, objeto e verbo (SOV), como é caso do japonês, do coreano, do alemão etc. Na Teoria de Princípios e Parâmetros esse parâmetro é denominado de Parâmetro do Núcleo. Por exemplo, uma criança em fase de aquisição da língua portuguesa aciona o Parâmetro de Ordem SVO, porém uma criança de língua japonesa aciona o Parâmetro de Ordem SOV.

Considerem-se os exemplos, em português e japonês respectivamente:

- (11) Kato compra doce. (português)
 Kato okashi kau. (japonês)
 (Kaio doce comprar)

Vemos que em português o objeto segue o verbo (comprar), enquanto que em japonês ele o precede. Uma criança adquirindo o português aciona o valor de Parâmetro de Ordem como negativo [-]. Já uma criança adquirindo o japonês aciona o valor de Parâmetro de Ordem como positivo [+] (MIOTO; FIGUEIREDO SILVA; LOPES, 2013).

Vale ressaltar que se uma criança ao acionar um dos parâmetros apresentados até aqui, apenas está ativando o que já está previsto pela GU. A fixação do valor, seja positivo ou negativo, dependerá dos dados linguísticos (input) recebidos pela criança na fase de aquisição.

1.2.1 Língua-E vs Língua-I

Conforme vimos, os gerativistas assumem que todo ser humano possui uma capacidade inata para linguagem. A aquisição da linguagem acontece porque todo ser humano, com exceção dos que têm alguma patologia, nasce com uma herança genética para a linguagem. Mas o que é língua? Chomsky (1994) propôs o uso de dois termos para se referir a noção de língua, mas antes ele explica que a noção de língua no senso comum tem uma dimensão sociopolítica crucial, apesar de não estar presente nas abordagens científicas.

O chinês, por exemplo, é considerado uma língua no senso comum, embora os vários dialetos chineses sejam tão diferentes. Outras línguas como o Neerlandês e o Alemão possuem dialetos bem semelhantes, mas são consideradas línguas separadas. Além da dimensão sociopolítica, Chomsky (1994) destaca que língua no senso comum tem um elemento normativo teleológico, ou seja, língua é o conhecimento que uma criança ou estrangeiro adquire de um determinado idioma.

A teoria gerativa define dois conceitos de língua no qual se denomina de língua – E que é uma língua externa, e a língua - I que é um elemento que existe na mente humana, ou seja, uma língua interna, individual do falante.

A concepção de língua como língua – E (externa, extensional) a gramática exteriorizada refere-se a língua como um código linguístico existente numa comunidade humana, isto quer dizer, que língua –E é o conhecimento linguístico socialmente compartilhado, no qual, o significado de língua ou gramática exteriorizada nesse caso diz respeito a algo fora da mente das pessoas.

Língua- I refere-se à língua como um sistema cognitivo, isto é, uma habilidade presente na mente das pessoas, ou seja, é o conhecimento linguístico de uma pessoa acerca de uma dada língua. É a partir da língua-I que a gramática internalizada será formatada, portanto, ela é incorporada no estado final da GU. Com

ela, o ser humano tem a disposição de perceber e processar os códigos linguísticos existentes do seu ambiente.

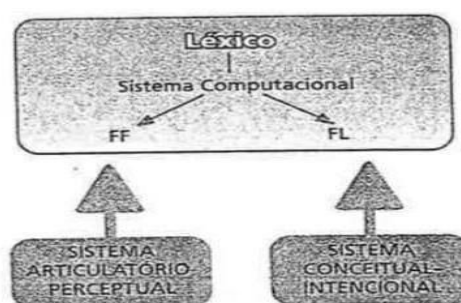
A Língua-E serve de base para o desenvolvimento de uma língua-I. Por que é no ambiente, de maneira inconsciente, que o ser humano, na fase de aquisição, coleta informações linguísticas necessárias para aquisição e uso da linguagem. Apesar de todas as línguas obedecerem ao mesmo critério linguístico de funcionamento, o que vai diferenciar as línguas será o léxico. Kenedy (2013) destaca que os gerativistas procuram identificar, ao descrever uma língua-E, os traços linguísticos que estão codificados em seu léxico e são utilizados na formação de representações mentais, como fonemas, morfemas, palavras, sintagmas, frases e discursos, ou seja, a língua-I.

1.2.2 Traços Lexicais

Desde a década de 90, Noam Chomsky vem desenvolvendo uma linha de pesquisa, denominada como Programa Minimalista (PM), dentro da teoria de Princípios e Parâmetros. É um programa no sentido de não ser uma teoria completa, mas um conjunto de diretrizes metodológicas que se pretende usar para chegar a uma teoria (MODESTO, 2012).

Conforme Carvalho (2012) dentro do quadro geral do PM, Chomsky assume que a componente sintática da faculdade da linguagem é programada para ser um sistema gerativo derivacional que faz interface com duas componentes externas (interpretativas), que são a articulatório-perceptual e a conceitual-intencional. De acordo com o autor, isto se dá através de dois níveis de representação: a Forma Fonética (FF) e a Forma Lógica (FL)

Imagem 1 – Sistema Computacional



Fonte: Kenedy (2012, p.126)

Conforme vemos acima, essa imagem evidencia os elementos constitutivos da estrutura da faculdade da linguagem: O léxico de acordo com Kenedy (2013), deve ser interpretado como o repositório de informações linguísticas que dão origem a FF que irá converter as representações advindas da sintaxe em instruções cognitivas a serem enviadas para interface sensória motora e a FL que irá converter as representações advindas da sintaxe em instruções cognitivas a serem enviadas para a interface conceitual-intencional.

Na versão atual da gramática gerativa, as informações que dão origem a FF e a FL são denominadas de traços (*features*, em inglês). Kenedy (2013) explica:

O termo traços refere-se ao conjunto de informações que estão codificadas num item lexical qualquer. Por exemplo, uma palavra como “casa” possui, dentre outros, o traço [feminino] especificando seu gênero, o traço [3ª pessoa] que especifica sua posição de no discurso e traço [singular] que caracteriza seu número gramatical. (KENEDY, p. 137, 2013)

Conforme vimos, a palavra “casa” possui traços de pessoa, número, gênero, dentre outros. Se o item lexical fosse um verbo como “casou”, esse item teria traço de tempo, traço de modo, traço de aspecto, dentre outros. São muitos os traços linguísticos que compõe um item lexical desde o simples até o mais complexo. O PM assume que o léxico é composto por três tipos de traços: traços semânticos, traços fonológicos e traços formais.

Conforme aponta Kenedy (2013), os traços semânticos presentes num item lexical são aqueles que estabelecem relações entre língua e o sistema conceitual-intencional, pois é a partir deles que as expressões linguísticas se tornam interpretáveis, admitindo certo significado e dado valor referencial no discurso. Já os traços fonológicos, o autor explica que esses estabelecem relação entre língua e o sistema articulatorio-perceptual, tornando possível que os itens do léxico sejam manipulados pelo aparato sensório-motor humano admitindo certa articulação e certa percepção física. Por fim, os traços formais são aqueles que codificam informações a serem acessadas e usadas pelo sistema computacional da linguagem humana, em sua função de prover as interfaces linguísticas com sintagmas e sentenças.

Conforme Kenedy (2013) aponta, serão os traços formais os responsáveis por orientar o sistema computacional a respeito das relações sintáticas. Além disso, os traços formais, também chamado de traços sintáticos, instruem o Sistema Computacional a processar três tipos de operação, como: atribuir uma posição linear na sentença a certo item léxico, estabelecer um conjunto de relações sintáticas e semânticas entre esse item e outros com quais ele tenha necessariamente de ser vinculado numa expressão linguística, por fim, associar marcas morfossintáticas (como gênero, número, tempo, modo, aspecto).

Os traços variam arbitrariamente de língua para língua, no entanto, de acordo com os estudos gerativistas atuais, os traços que se encontram codificados no léxico funcional da estrutura da linguagem são os responsáveis pelo surgimento da diversidade linguística entre as línguas humanas.

1.3 DIVERSIDADE DA LÍNGUA ESPANHOLA

A língua castelhana recebeu diversas influências de outros povos, tanto na Europa como na América Latina, conseqüentemente essas influências – assim como a própria extensão geográfica dessa língua – contribuíram para enriquecer a variação e diversidade do espanhol.

O espanhol surgiu de uma mescla de línguas, como o celta, o latim, o grego, o alemão e o árabe (MONHALER; MATIAS MIRANDA, 2017). Desde sua origem até os dias atuais, o espanhol vem se desenvolvendo e se difundindo pelo mundo (PINTO, 2008; SANTOS; 2016).

Irala (2004) comenta que ao falar-se em variedades regionais de uma língua, há uma tendência em dicotomizar o complexo espaço entendido como unificador do idioma espanhol, tratando-o normalmente como Espanhol da Espanha e Espanhol da América. Palácios (2006) destaca que não existe uma realidade linguística homogênea hispano-americana, como também não existe uma realidade linguística peninsular única e homogênea.

Nesse sentido, autores como Pinto (2008), SANTOS (2016), dentre outros pesquisadores questionam as teorias que sustentam o mito da homogeneidade da língua espanhola e a hegemonia da variedade europeia. Muitos são os autores que consideram o espanhol como um sistema homogêneo que possui uma unidade

linguística predominante, porém é necessário desconstruir esse tipo de generalização.

Vejam-se a seguinte afirmação de Silva (2018):

Português, inglês, alemão, neerlandês, espanhol, árabe, suaili, mandarim, etc. são línguas pluricêntricas, no sentido, institucionalizado por Clyne (1992: 1), de que apresentam diferentes variedades nacionais, cada qual com a sua norma própria. O pluricentrismo linguístico é geralmente assimétrico, pelas inevitáveis diferenças de estatuto e poder económico, político ou cultural entre as variedades nacionais, umas dominantes e outras não dominantes. O pluricentrismo é um caso especial de variação intralinguística, marcado por questões de identidade e poder nacionais. (SILVA, 2018, p. 838)

Como podemos ver o espanhol assim como muitas línguas são consideradas pluricêntricas no sentido institucionalizado por Clyne. Devido a sua extensão territorial, a língua espanhola apresenta diferentes variedades nacionais, por exemplo, vamos ter o espanhol da Espanha, o espanhol do México, o espanhol da Argentina, dentre outros países. Cada variedade nacional da língua espanhola apresentará sua própria norma. Portanto, o espanhol da Espanha e o espanhol da América Latina não podem ser vistos como dois blocos linguísticos opostos entre si (FONTONELLA DE WEINBERG, 1992).

Segundo Carraro (2016), é incoerente classificar todos os países da América Latina dentro de um grupo e pensar que há uma homogeneidade linguística e cultural latino-americana. Não há essa homogeneidade até porque são países que possuem diferenças econômicas, culturais e política distintas. Assim como é incoerente afirmar que há uma homogeneidade linguística no espanhol europeu.

O espanhol é uma língua comum em mais de 21 países, porém em cada região, essa língua possui suas próprias particularidades, sejam lexicais, fonéticas ou morfossintáticas. Isso porque as línguas possuem parâmetros particulares que são formatados de acordo com a experiência do indivíduo (KENEDY, 2013).

O espanhol por ter um índice de comunicabilidade muito alto tem feito muitas pessoas pensarem que as variações se restringem apenas a campos lexicais e campos fônicos (PINTO 2008, 2009). Porém, autores como Lope Blach (1992), Pinto (2009) e Gutiérrez Bravo (2020) vão mostrar que a variação da língua espanhola não se restringe apenas as diferenças léxicas e fonológicas, mas também as diferenças morfossintáticas, mesmo quando as diferenças não são extremas.

Como foi apresentado, na introdução dessa pesquisa, uma das diferenças morfossintáticas ainda pouco estudada no espanhol mexicano é o uso do pretérito perfeito composto. Esse tempo verbal no espanhol mexicano possui um aspecto imperfectivo, enquanto que em outras variedades da língua espanhola, possui um aspecto perfectivo, ou seja, pontual. Nesse sentido, assumimos que há algum traço na categoria aspecto que faz com que o uso dos pretéritos do espanhol mexicano seja diferente das demais variedades da língua espanhola.

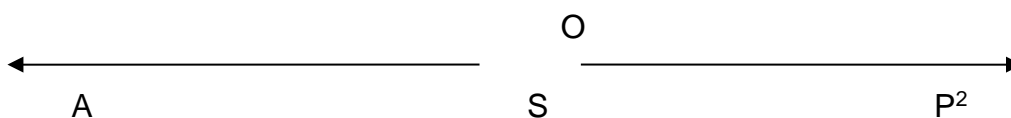
1.4 CONCLUINDO O CAPÍTULO

Nesse capítulo, fizemos uma revisão bibliográfica da Teoria de Princípios e Parâmetros na sua versão Minimalista. Apresentamos a definição de língua como faculdade cognitiva e língua como código linguístico socialmente compartilhado. Esclarecemos que a componente sintática da *Faculdade da Linguagem* é programada para ser um sistema gerativo derivacional com duas componentes externas. Por fim, mostramos que a variação no espanhol não se restringe apenas a diferenças léxicas e fonológicas, mas também a diferenças morfossintáticas como é o caso do nosso objeto de estudo.

2 AS CATEGORIAS VERBAIS: TEMPO, MODO E ASPECTO

Os verbos manifestam marcas de tempo, modo e aspecto, embora a gramática tradicional trabalhe mais com tempo e modo do que com aspecto. Segundo Gabardo (2001), o *aspecto*, na gramática tradicional não é tratado como categoria verbal. Normalmente, essa categoria na gramática tradicional é tratada junto com a categoria de tempo, numa oposição durativo/pontual; contínuo/descontínuo.

Segundo a RAE (2010), a categoria verbal que permite localizar os eventos em relação ao momento da enunciação é denominada de *Tempo*. O Tempo Verbal é considerado uma categoria *dêitica* e *referencial* porque requer que falante identifique um determinado referente, ou seja, identificar um intervalo temporal.



Vejamos alguns exemplos citados pela RAE para explicar essa categoria verbal:

- (12) a. El tren *salió* puntualmente.
 b. El tren *saldrá* puntualmente.
 c. El tren *entra* lentamente en la estación.
 (RAE, 2010, p.427)

Em (12a) e (12b), as orações não informam o momento preciso da saída, mas informam respectivamente que o ponto temporal é anterior e posterior ao momento que se emite o enunciado. Em (12c), a oração expressa, entre outras leituras possíveis, a simultaneidade da situação denotada com o momento da enunciação. A noção de anterioridade (passado), posterioridade (futuro) e simultaneidade (presente), conforme a RAE (2010), revelam a natureza relacional do tempo linguístico na medida em que refletem que os tempos verbais são ancorados ou orientados com outros pontos no tempo.

O significado dos tempos verbais pode ser obtido a partir de três pontos temporais de extensão variável. O *ponto da enunciação* – este ponto orienta direta ou indiretamente os eventos, é o ponto que mais claramente revela a natureza

² Retirado de Rojo e Veiga (2000, p. 2874) gráfico 44. El tempo verbal. Los tempos simples.

dêitica do tempo verbal. O *ponto do evento* – é o ponto em que o evento ocorre ou o intervalo que a situação ocupa. O *ponto de referência* é relevante para a localização dos eventos em linha temporal.

As diferentes modalidades que expressam os tempos verbais são denominadas de *Modo*. Segundo a RAE (2010), a categoria de *Modo Verbal* se caracteriza por uma ampla gama de valores gramaticais. Em seu sentido estrito, os modos representam paradigmas flexivos, ainda que às vezes seja defectivo ou incompleto, ou quando podem coincidir com elementos de outros paradigmas. A gramática tradicional reconhece três modos verbais: o *modo indicativo*, que indica ações completas; o *modo subjuntivo*, que indica possibilidades e o *modo imperativo*, que representa ordem ou instruções.

Já o *aspecto* verbal informa a estrutura interna dos acontecimentos, pois é o aspecto que permite informar a maneira que um evento ocorre ou se desenvolve. Comrie (1976) considera que o termo *aspecto* tem a tendência de ser menos familiar para os estudantes de linguística do que os termos para outras categorias verbais, como por exemplo, a categoria de tempo. O autor, ao trazer alguns exemplos de distinções aspectuais em algumas línguas, percebe que há uma confusão terminológica e conceitual de tempo e aspecto.

Nesse sentido, o autor acredita ser necessário compreender, antes de tudo, o termo familiar tempo verbal para depois entrar na discussão do termo menos familiar *aspecto*. Para Comrie (1976), o tempo verbal localiza o evento de uma situação em relação à situação do enunciado. Ou seja, o tempo verbal relaciona-se ao tempo da situação referida a algum outro tempo, geralmente ao momento da enunciação. Ele vai dizer que os tempos mais comuns encontrados nas línguas, embora nem todas distinguem esses três tempos, são os mesmos que já apresentamos no início desse capítulo: presente, passado e futuro.

Segundo Comrie (1976), Di Tullio (2014) e De Miguel (1999), entre outros autores, o tempo verbal é uma categoria dêitica porque localiza situações no tempo, geralmente com referência ao momento da enunciação, mas também com referência a outras situações, ou seja, localiza o evento verbal em um tempo externo. Conforme Comrie (1976), o aspecto não está preocupado em relacionar o tempo da situação a qualquer outro ponto no tempo, mas sim com a constituição temporal interna de uma situação.

De Miguel (1999) explica que:

[...] el 'tiempo' es una categoría déctica: localiza el evento verbal en un tiempo externo, orientándolo bien en relación con el momento de habla, bien en relación con el tiempo en que tiene lugar otro evento. El aspecto, en cambio, se ocupa del tiempo como una propiedad inherente o interna del propio evento: muestra el evento tal y como este se desarrolla o distribuye en el tiempo, sin hacer referencia al momento del habla. (DE MIGUEL, 2000, p. 2989)

Ao contrário do tempo, que é uma categoria dêctica, o aspecto se ocupa do tempo como uma propriedade inerente ou interna do próprio evento, em síntese, o aspecto mostra como o evento se desenvolve ou se distribui no tempo, sem fazer referência ao momento da enunciação. Di Tullio (2014), também explica que o aspecto diz respeito à forma como a temporalidade do acontecimento se apresenta. Isso significa que ele não se localiza em relação ao ponto de fala, mas especifica sua estrutura interna.

2.1 ASPECTO LEXICAL OU ASPECTO GRAMATICAL

Conforme Hermont e Otini (2016), a noção de aspecto pode ser tratada pelo menos de dois pontos de vista: o lexical e o gramatical. As duas noções de aspecto podem ser distinguidas da seguinte forma:

O aspecto lexical, ou aktionsart, de um verbo consiste no modo como se encontra em uma estrutura e como tal verbo expressa evento, estado, processo ou ação. O aspecto lexical se distingue do aspecto gramatical porque o aspecto lexical é uma propriedade inerente de uma eventualidade, já o aspecto gramatical seria uma propriedade de uma realização sintática ou morfológica. O primeiro é invariável e o segundo é dependente da necessidade do falante. (HERMONT; OTONI, 2016, p. 138)

Quando a informação relacionada à maneira como um evento ocorre é fornecida pelos morfemas flexivos do verbo, na gramática tradicional é denominada de aspecto gramatical. O aspecto gramatical se expressa por meio das desinências verbais. De Miguel (1999) prefere usar o termo aspecto flexivo apesar de apontar que existem várias propostas terminológicas para essa categoria.

- (13) a. Patricia cerró la puerta.
b. Patricia cerraba la puerta. (DI TULLIO, 2014, p.232)

Di Tullio (2014) comenta que ambos os pretéritos coincidem em sua localização temporal, pois se trata de um evento anterior ao ponto da enunciação. Em (13a), a oração considera o evento em sua globalidade. Em (13b), a oração seleciona um instante no transcurso do evento. Ou seja, em (13a), a oração afirma que o evento concluiu, mas em (13b), a oração não permite inferir necessariamente o mesmo. O perfeito simples em (13a) representa o aspecto perfectivo, já em (13b), o pretérito imperfeito corresponde ao aspecto imperfectivo.

Bosque e Gutiérrez-Rexach (2009) afirmam que a distinção aspectual gramatical mais importante é a que existe entre o aspecto perfectivo e o imperfectivo. Esta distinção permite diferenciar os eventos completos com uma duração determinada (aspecto perfectivo) dos eventos incompletos que leva em conta seu princípio final (aspecto imperfectivo).

O aspecto léxico, também chamado de *Modo de Ação*, é obtido a partir da significação do predicado.

- (14) a. Albert llegó a Cusco.
b. Albert vivió en Cusco.

Em (14a), a oração denota uma situação pontual, mas em (14b), a oração denota uma situação durativa. Portanto, é aspectual essa oposição pontual/durativa, e isso é deduzido por meio do significado dos verbos *llegar* e *vivir*. Apesar dessas duas importantes noções de aspectos, iremos apresentar especificamente o aspecto lexical por estar relacionado com a nossa pesquisa.

2.1.1 O aspecto lexical ou Aktionsart

O termo *Aktionsart* foi proposto inicialmente pelos linguistas alemães do final do século XIX e utilizado pela primeira vez por Sigur Agrell em seu trabalho de 1908 para descrever o sistema temporal em polaco. Aristóteles merece o mérito de ser o primeiro autor conhecido que observou a existência de diferentes classes de verbos em relação ao aspecto léxico. Foi no livro IX de sua *Metafísica* que ele notou a existência de verbos que denotam eventos que chegam a um ponto final e de verbos que denotam eventos que carecem desse ponto final. Ele se apoiou do *perfeito*

grego para deixar clara a distinção entre os verbos que denominou de *kinesis* (como *construir, chegar, nascer*) e os verbos de *energia* (por exemplo, *trabalhar, ver e viajar*) (DE MIGUEL, 1999).

A noção de aspecto e a distinção dessas duas classes aspectuais desenvolvida por Aristóteles serve de base para os estudos posteriores sobre aspecto verbal. Nesse sentido, De Miguel (1999) explica que um evento com ponto final que se interrompe antes de alcançar o limite não ocorre; um evento que carece de ponto final, ocorre em qualquer momento do intervalo.

Vejam-se os exemplos a seguir:

- (15) a. *El avión ya ha llegado, pero seguirá llegando un rato más.
 b. Juan ya ha viajado por toda Europa, pero seguirá viajando un año más.
 (DE MIGUEL, 1999, p. 2982)

Em (15a), expressa uma forma agramatical porque a oração principal descreve um evento delimitado que alcançou seu limite interno, mas a oração subordinada expressa uma continuidade desse evento que no mundo real é impossível acontecer. Se o avião chegou, significa que o evento alcançou seu limite interno, por esse motivo, a oração subordinada não pode expressar uma continuidade desse evento porque a sentença se torna agramatical. Em (15b), a sentença é descrita por um verbo que carece de ponto final e por isso está aberta, admitindo continuação. Conforme De Miguel (1999), um verbo não delimitado como *viajar*, cujo final não se menciona, apresenta o evento enquanto ocorre, em desenvolvimento, e carrega a possibilidade de seguir ocorrendo como em (15b).

Além de informar sobre a maneira que um evento se desenvolve ou ocorre, o aspecto informa a extensão temporal do evento e também pode informar a sua intensidade. Conforme De Miguel (1999), o aspecto pode implicar uma mudança (por exemplo, no caso de *amadurecer*) ou a ausência de mudança (por exemplo, no caso de *estar verde*); pode implicar alcançando um limite (por exemplo, o verbo *chegar*) ou carecendo desse limite (*viajar*); implica um evento de forma única (por exemplo, *disparar*) ou repetida (no caso de *metralhar*); implica um evento de forma permanente (*ser espanhol*), habitual (*cortejar*) ou intermitente (*pisca*).

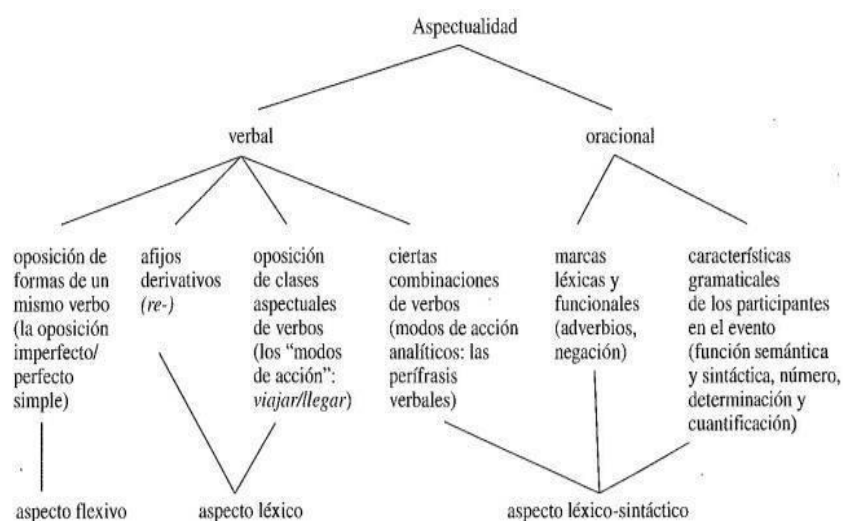
Levando em consideração a definição de aspecto apresentada por De Miguel (1999), os eventos podem ser caracterizados da seguinte forma:

Quadro 2 – Classificação de alguns eventos

CLASSIFICAÇÃO	EXEMPLO
DINÂMICOS	AMADURECER
ESTÁTICOS	ESTAR VERDE
DELIMITADOS	CHEGAR
NÃO DELIMITADOS	VIAJAR
SEMELFACTIVOS	FAZER UM DISPARO, DAR UM BEIJO
ITERATIVOS	METRALHAR
PERMANENTES	SER ESPANHOL
FREQUENTATIVOS	CORTEJAR
INTERMITENTES	PISCAR
DURATIVOS	SER INTELIGENTE, VIVER
PONTUAIS	DORMIR

Vale destacar que autora traz apenas algumas das possíveis classificações, pois existem outras possibilidades que iremos apresentar nessa pesquisa. De Miguel (1999) comenta que as informações apresentadas por ela relativas ao evento podem ser manifestadas nas diferentes línguas naturais, por meio de distintos procedimentos. A autora propõe um esquema para mostrar de forma resumida as possibilidades de expressão das distintas informações presentes na aspectualidade do espanhol:

Imagem 2 – Esquema de aspectualidade



Fonte: De Miguel (1999, p. 2993)

No caso da língua espanhola, a informação sobre o *aspecto* léxico pode estar contida na raiz verbal como é o caso de “*llegar*” frente a “*viajar*”. Nesse caso, será o comportamento verbal sintático do verbo que nos ajudará a compreender sua informação aspectual. Pode vir proporcionada por certos morfemas derivativos, como ocorre em “*reipenar*” frente a “*peinar*”. E também podem ser conduzidos por morfemas flexionais, por perífrase e por outros elementos do contexto em que um determinado verbo está incluído.

Não só os verbos são responsáveis por proporcionar o valor aspectual de um determinado evento, mas sim qualquer unidade léxica que atue como predicado. Em síntese, são as unidades léxicas que atuam como predicado as responsáveis por proporcionar o valor aspectual de um determinado evento, por exemplo, se o evento é pontual ou durativo.

Conforme Bosque e Gutiérrez-Rexach (2009), o estudo sobre as propriedades léxicas, que remota a Aristóteles, avançou consideravelmente no século XX na obra dos filósofos como Gilbert Ryle, Anthony Kenny y especialmente Zeno Vendler, que propôs uma classificação dos verbos em quatro categorias: (estados), (atividades), (realizações) e (culminação).

É considerado verbo de estado quando um evento não ocorre, mas se dá. É um tipo de verbo que se dá de forma homogênea em cada momento do período de tempo em que se estende. Um estado está lexicamente incapacitado para expressar uma mudança ou progresso durante um período de tempo em que se dá, por exemplo: *ser alto, saber, odiar, estar, amar, ter*, entre outros verbos (DE MIGUEL, 1999).

Segundo López (2018), foi classificado por Vendler de verbo de atividade aquele em que o evento dinâmico dura e não faz referência ao ponto final da eventualidade. Conforme o autor, se incluem nessa classe os verbos de movimento contínuo, como o verbo *andar, dançar, correr, nadar*; os verbos que designam atividades que podem servir para descrever ao sujeito, por exemplo, *cantar, escrever, fumar, pintar* no sentido aproximado de *ser cantor, ser escritor, ser fumante, ser pintor*; os verbos que denotam atividades físicas não delimitadas, como o verbo *chorar, respirar, sorrir, beber, comer* e etc. Em geral, os verbos de atividades

costumam ser verbos intransitivos, mas existem também verbos transitivos que denotam atividades.

Conforme explica Lopéz, quando o evento expressa situações dinâmicas durativas télicas o verbo é classificado como verbo de realizações, por exemplo: escrever uma carta. Quando alguém realiza essa ação, ela termina. Nesse caso, a ação de escrever progride até um limite interno. Por fim, temos o verbo classificado como culminação. O verbo é classificado como culminação quando o evento expressa situações dinâmicas delimitadas e de curta duração. Em síntese, são verbos que implicam uma ação terminada, que descrevem um evento que ocorre em um único e definido instante de tempo: sem fase.

Vejam-se os traços de cada categoria:

Quadro 3 – Classificação dos verbos e seus respectivos traços

	Delimitación	Duración	Dinamicidad
Estados	-	+	-
Actividades	-	+	+
Realizaciones	+	+	+
Logros	+	-	+

As quatro categorias costumam ser caracterizadas em função de três propriedades: a dinamicidade, a duração e a delimitação, conhecida também como telicidade. Como podemos observar, Estados, Actividades e Realizaciones são eventualidades que possuem [+ *duração*]. A duração caracteriza aquelas situações que estão sujeitas a um desenvolvimento no tempo ou que se ocupam no tempo, por exemplo, o predicado chorar ou trabalhar é uma (*atividade*), ler um jornal ou recitar uma poesia é uma (*Realização*), ser alto ou estar sujo é um (*estado*). Os logros (*culminação*) são eventualidades com traços [+ *télico*] e [+ *dinamicidade*], eles designam eventos pontuais, ou seja, não possuem duração: por exemplo, *chegar* ou *morrer*.

Bosque e Gutiérrez-Rexach (2009) destacam que os traços de dinamicidade, de duração e de telicidade servem de critérios para distinguir as classes propostas por Vandler (1967). Conforme o autor, o termo *Télico* vem do grego ‘*telos*’ que

significa 'final'. A eventualidade télica ou delimitada tem um ponto final que se completa. Um predicado é considerado *télico* quando existe uma delimitação na situação: as situações *delimitadas* ou *télicas* supõem uma culminação. São *télicos* os verbos que implicam um limite como *despertar, advertir, chegar, descobrir* e etc. Um traço [+ *durativo*] denota um evento que supõe além da mudança de estado, um processo que se estende ao longo do tempo. Uma eventualidade é durativa quando transcorre um fragmento de tempo, ou seja, ocupa um intervalo temporal. Já o traço [+ *dinamicidade*] denota um evento que está sujeito a mudanças internas em seu desenvolvimento.

2.2 DIFERENÇA ASPECTUAL ENTRE O PPS E PPC

Na gramática tradicional, normalmente, os autores consideram que o PPS e o PPC coincidem em sua localização temporal porque se trata de um tempo passado. A forma simples (canté) remete a um passado remoto ou desligado do momento da enunciação. E a forma composta (he cantado), normalmente, remete a um passado próximo ou atualizado.

- (16) a. Esta semana “*hemos estudiado*” portugués.
b. Hace dos semanas que “*llegué*” a México.

Em (16a), a forma composta indica um evento que ocorreu antes do ponto 0 do enunciado atual, porém guarda relação direta com o momento da enunciação. Já em (16b), a forma simples expressa um evento que ocorreu antes do ponto 0, ou seja, a um ponto anterior (passado) da enunciação, porém diferentemente da forma composta não guarda relação com o ponto 0, ou seja, com o presente.

Conforme a RAE (2010), o PPS localiza uma situação num ponto de linha temporal que é anterior ao momento da enunciação. Formas verbais como “*cante*” expressam eventos completos ou acabados. Formas verbais como “*he cantado*” expressam anterioridade da situação denotada com respeito a um ponto de referência situado no presente. O PPC admite a “*Interpretação de Antepresente*” quando essa forma verbal é usada para fazer referência a certas situações pretéritas, sejam pontuais ou durativas. Essas situações têm lugar em um intervalo que se abre em um ponto inespecífico do passado e se prolonga até o momento da

enunciação e o inclui. Por outro lado, o PPC admite uma segunda interpretação, denominada “*Interpretação Perfectiva*” ou “*interpretação de aoristo*”. Essa segunda interpretação ocorre quando a forma composta adquire o significado que corresponde ao PPS, como em “*Ha muerto hace dos meses*”, essa forma verbal “*ha muerto*” adquire o mesmo significado correspondente a “*murió*”.

As formas verbais “*cante*” e “*he cantado*” são um dos fatos mais característicos da conjugação da língua espanhola, isso porque no espanhol não ocorreu, assim como em outras línguas românicas, o desaparecimento do PPS na linguagem falada diante do crescimento do perfeito composto (LLORACH, 1978). O autor ainda informa que nessas outras línguas românicas o PPS é uma forma puramente literária e o PPC serve para indicar toda a ação ocorrida no passado.

Llorach (1978) comenta que no espanhol moderno:

(...) los dos pretéritos son empleados en la lengua corriente, y el sentimiento lingüístico español impede sustituir el uno por el otro. Esta distinción de significado de las dos formas, basada en sentimientos lingüísticos muy finos, no es captada fácilmente por los extranjeros y es difícil de ser explicada claramente en todos sus aspectos. Por ello, no es de extrañar que algunos investigadores no hispánicos creen que tal distinción es una invención de las gramáticas normativas y que el español usa un perfecto u otro indiferentemente, bien conforme a preferencias personales. (LLORACH, 1978, p.13-14)

Em algumas línguas românicas o PPC é usado para expressar exclusivamente uma noção temporal e o PPS é usado de forma puramente literária. Entretanto, Llorach (1978) afirma que diferentemente dessas línguas românicas, no espanhol atual, a forma simples *canté* e a forma composta *he cantado* praticamente convivem juntas, porém a distinção entre ambas as formas não é evidente e isso faz com que alguns pesquisadores que não são falantes nativos da língua espanhola acreditem que a distinção entre ambas as formas é uma invenção das gramáticas normativas e que o espanhol usa a forma simples ou a composta indiferentemente ou conforme as suas preferências pessoais.

É importante salientar que normalmente, nas gramáticas tradicionais de língua espanhola, as duas formas *canté/he cantado* coincidem em sua localização temporal (ambas as formas se referi ao ponto anterior ao da enunciação). As duas formas expressam ações passadas e perfeitas, respectivamente, uma se refere a um passado concluído e a outra a um passado que tem relação com o presente.

Figuera (2017) afirma que, em geral, é sustentada a ideia de que entre o *PPS* e o *PPC* a oposição é de caráter temporal porque o uso de uma ou de outra forma depende fundamentalmente da distância do evento no tempo da enunciação. Schalkoski-Dias e Godoy (2004) comentam que no espanhol peninsular a oposição entre ambas as formas se relacionam com a noção de presente ampliado para o *PPC*, enquanto que a forma simples as ações são produzidas em algum intervalo do passado que obrigatoriamente exclui o momento da enunciação. Ainda sobre as duas formas pretéritas, as autoras comentam que a maioria dos estudos concordam com o fato de que em grande parte da América Hispânica essa oposição entre ambas as formas pretéritas não é de natureza temporal.

Araújo (2018) comenta que o *PPC* é diferente do *PPS* por que a forma composta apresenta um evento passado envolvido por uma percepção de presente (âmbito primário de coexistência) e que, por isso, guarda relação temporal de coexistência com o momento da enunciação (antepresente), enquanto que a forma simples é envolvida apenas pelo âmbito primário de anterioridade. Conforme o autor, geralmente, a norma gramatical atribuir o *PPC* a um valor temporal de passado (imediate e ampliado).

Em síntese, o valor de passado imediato é atribuído ao *PPC* quando o momento de referência passa a ser mais limitado, e, conseqüentemente, a dada situação se torna mais próxima ao momento da enunciação. O valor de passado ampliado conhecido também como “experencial” é atribuído ao *PPC* para indicar que uma situação se manteve, pelo menos uma vez, durante algum tempo anterior de fala. Apesar de a norma gramatical atribuir o *PPC* a um valor temporal de passado (imediate e ampliado), Araújo (2018) ao discutir e descrever as possibilidades expressivas do *PPC* na língua espanhola consegue identificar outros valores associados a essa forma verbal: *relevância presente*, *resultado*, *continuidade*, *passado absoluto*, *antepresente* e *prospectivo*.

Conforme o autor, o valor fundamental de *relevância presente* provém da observação das conseqüências resultantes (aspecto perfeito) de uma eventualidade passada, porém envolta pelo mesmo âmbito de referência presente que abarca a enunciação (tempus antepresente).

O valor *resultativo* atribuída a forma *he cantado* acontece quando o *PPC* expressa o resultado de um estado ou ação que lhes são anteriores, porém este

estado ou ação é considerado resultado atual ou pelo menos, conforme o autor, o resultado dessa ação é comprovado na atualidade. O valor de continuidade atribuído ao *PPC* descreve situações cuja a origem é anterior ao ponto zero. Apesar de descrever situações anteriores ao momento da enunciação, os eventos continuam se manifestando no presente e podem continuar em direção ao futuro (ponto posterior).

Conforme o autor, existe um valor atribuído ao *PPC* que pode ser comparado com o valor atribuído ao *PPS*. Vejam-se as sentenças a seguir:

- (17) a. *Ayer he ido* al cine.
 Ontem fui ao cinema.
 b. *Hace tres años* que se *ha muerto* mi padre.
 Fez três anos que morreu meu pai.
 (ARAÚJO, 2018, p. 65)

Normalmente, a forma composta pode vir acompanhada de marcadores temporais como *hoy, este año, ahora, esta semana* e etc. Os exemplos (17a) e (17b) possuem marcadores que exprimem um passado concluído sem nenhuma relação com o presente. Os marcadores temporais como “ayer” e “hace tres años” mostram que a situação ocorreu dentro do âmbito temporal de anterioridade e não no âmbito primário de coexistência. Quando isso acontece, o valor atribuído ao PPC é denominado de passado absoluto.

Por fim, temos *antepretérito* e o *prospectivo* que também são valores atribuídos ao PPC. O valor atribuído ao PPC que designa algo que é objetivamente anterior a um evento ocorrido no passado absoluto é denominado de *antepretérito*. Já o valor atribuído ao PPC que expressam fatos em um âmbito primário de prospectividade (de referência de futuro) é denominado de *prospectivo*.

Como podemos perceber, muitos são os valores atribuídos ao *PPC*. Como dito anteriormente, essa forma verbal admite interpretação de antepresente e interpretação perfectiva ou aoristo. Conforme a RAE (2010), a *interpretação de antepresente* de *he cantado* se registra na zona central e meridional do espanhol europeu, na costa peruana, no andino boliviano e colombiano, no noroeste da Argentina (desde Tucumán até a fronteira com Bolívia) e na região central (especialmente no noroeste de Córdoba), e em Cuba e outras zonas antilhanas.

Ainda sobre o *PPS* e o *PPC*, a RAE (2010) acrescenta que em alguns países como Chile, grande parte da Argentina e no noroeste da Espanha e nas Ilhas Canárias, a forma *canté* substitui a forma *he cantado*, nesse caso, o valor atribuído ao *PPC*, conforme vimos em Araújo (2018), é de antepresente absoluto. Conforme veremos, parece que em algumas regiões, em especial, a variedade mexicana, a forma composta é atribuída a um valor aspectual imperfectivo/durativo e não a um valor perfectivo/pontual como vimos até aqui.

A RAE (2010) afirma o seguinte:

(...) En México, muchos de los países centroamericanos y varios del área caribeña, entre lo que está Venezuela, el perfecto simple (CANTÉ) se usa para referirse a acciones acabadas en el pasado, como en Hoy estuvo más tranquilo (Excélsior 21/1/1997), mientras que el pretérito perfecto compuesto se reserva para referirse a acciones o situaciones que continúan, o siguen ABIERTAS, el presente: Siempre he vivido aquí. ('sigo viviendo aquí'); María no ha llegado ('Se espera que llegue'). (RAE, 2010, p. 438)

Segundo a RAE (2010), muitos países da central América, como o México e vários países da área caribenha usam o *PPS* para se referir a ações acabadas no passado, enquanto que o *PPC* é reservado para se referir a ações durativas. Em outras palavras, no México e em países da área caribenha há uma distinção aspectual entre o *PPS* e o *PPC* em que a forma *canté* é usada para se referir a ações terminadas e perfeitas, enquanto que a forma *he cantado* é reservada para se referir a ações passadas que continuam ou seguem abertas no presente, ou seja ações *imperfectivas/durativas*.

2.3 CONCLUINDO O CAPÍTULO

Nesse capítulo, revisamos a noção de *tempo*, *modo* e *aspecto*. Apesar do aspecto ser uma categoria verbal menos discutida pela gramática tradicional e, normalmente, é menos familiar para os estudantes de linguística, nessa pesquisa, é de grande relevância compreender a noção de aspecto e saber diferenciá-lo da categoria de tempo verbal. Nesse sentido, apresentamos os dois tipos fundamentais de aspecto: *aspecto léxico* e *aspecto gramatical*. Porém, enfatizamos no *aspecto léxico*, conhecido também como *Arkionsart*. Por fim, retomamos a nomenclatura de *PPS* e *PPC* e apresentamos, em especial, os valores atribuídos ao *PPC* do espanhol atual.

3 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Esta pesquisa pretende analisar o uso do pretérito perfeito composto da língua espanhola na Ciudad de México e Monterrey. Para isso, recorre-se a averiguação do aspecto léxico veiculado pelo pretérito perfeito composto e a comparação dos resultados obtidos entre essas duas cidades.

Este estudo se enquadra no campo da linguística gerativa, situada no contexto da Teoria de Princípios e Parâmetros, possibilitando o entendimento do fenômeno referente ao papel dos Parâmetros como fator que explica o porquê de um número limitado de variações entre as línguas naturais.

Esta pesquisa pretende desenvolver um estudo qualitativo e quantitativo, visto que os dados analisados servirão de base para a verificação e compreensão se tal fenômeno empregado no espanhol mexicano é diferente do espanhol em geral.

No que tange aos dados linguísticos, serão observados os dados do pretérito perfeito composto tanto nas amostras da Ciudad de México como nas amostras de Monterrey. Os predicados serão classificados quanto ao seu aspecto léxico inerente e quanto ao aspecto veiculado composicionalmente a partir de cada contexto. Por fim, será verificado se ocorre essa variação do pretérito perfeito composto e se ocorre, buscaremos fazer uma descrição de quais predicados favorecem para que se tenha o valor durativo.

A forma de coleta dos dados ocorrerá através de um corpus oral que advém do Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y América (PRESEEA) para verificar se e como ocorre a variação do *PPC* no espanhol mexicano. O corpus oral possui um público com diferentes níveis de escolaridade, assim como diferentes idades. Faz parte de um projeto sociolingüístico que agrupa cerca de 40 equipes de investigação de fala do espanhol europeu e do espanhol da América. Quer dizer, o PRESEEA é um projeto para a criação de um corpus de língua espanhola falada representativa do mundo hispânico em sua variedade geográfica e social. Ademais, é composto por mais de 39 regiões cuja língua falada nessas regiões é a língua espanhola.

Esses materiais são reunidos levando em consideração a diversidade sociolingüística das comunidades de língua espanhola.

O PRESEEA é resultado do trabalho coordenado de pesquisadores comprometidos com uma metodologia comum para reunir um banco de materiais coerente que possibilite sua aplicação para fins educacionais e tecnológicos. Justificamos a nossa escolha em trabalhar com os dados desse projeto, justamente, porque os materiais do *corpus* PRESEEA podem ser consultados gratuitamente. Iremos trabalhar com 6 entrevistas. Segue abaixo uma tabela com as informações:

Tabela 1 – Informações do *corpus* utilizado

CORPUS PRESEEA - D.F MÉXICO/ MONTERREY				
Informante	Código da entrevista	Sexo/Escolaridade	Idade	Cidade
I	MONR_H21_041	HOMEM/BAIXO	41	MONTERREY
II	MONR_12_016	HOMEM/MEDIO	22	MONTERREY
III	MONR_M33_106	MULHER/ALTO	59	MONTERREY
IV	MEXI_M11_084	MULHER/BAIXO	21	D. F MÉXICO
V	MEXI_M12_048	MULHER/MÉDIO	27	D. F MÉXICO
VI	MEXI_M33_30	HOMBRE/ALTO	72	D. F MÉXICO

(Fonte: autoria própria)

Conforme a tabela, as entrevistas que iremos analisar são feitas na Ciudad de México e Monterrey, são entrevistas que variam de 2005 a 2010, contento três sujeitos entrevistados do sexo feminino e três sujeitos entrevistados do sexo masculino, a idade também varia, na qual é dividida em três grupos, assim como também o nível de estudo varia, sendo dois sujeitos com nível de estudo baixo, dois com nível de estudo médio e dois com nível de estudo alto.

3.1 RESULTADOS DA ANÁLISE DOS DADOS

No México, conforme vimos, Lope Blach (1992) afirma que as formas verbais (canté/he cantado) obedecem a razões de índole essencialmente aspectual. Na variedade mexicana, a forma simples expressa uma ação perfeita, acabada, concluída, mesmo que seja um passado imediato. A forma composta, nessa variedade, faz referência a uma ação imperfeita, inacabada. É um passado que chega ao presente e pode se estender até o futuro. Nesse mesmo sentido, Moreno de Alba (2002) argumenta que as diferenças de significados entre determinados empregos do perfeito composto não podem ser explicadas atendendo somente ao

tempo gramatical, ou como prefere alguns, à temporalidade verbal. O autor afirma que a diferença entre ambas as formas não é somente temporal. E que pelo menos, no espanhol mexicano, existem diferenças provavelmente aspectuais e não somente de temporalidade.

O objetivo principal deste Trabalho de Conclusão de Curso é analisar e descrever o aspecto léxico vinculado ao *PPC* na variedade mexicana. Considerando que os usos do *PPC* do espanhol mexicano são diferentes do espanhol em geral e que há essa variedade dentro da comunidade de fala mexicana, levantamos o seguinte questionamento: O *PPC* tem apenas o valor durativo, ou apenas o pontual, ou os dois valores? Nossa hipótese é a seguinte: o pretérito perfeito composto possui um aspecto imperfectivo e os predicados que aparecem com esse tempo só podem ser predicados cujo aspecto léxico não seja pontual.

Para análise e descrição dessa pesquisa, utilizamos seis entrevistas do *corpus* que selecionamos. E encontramos o total de 98 ocorrências de *PPC*.

Vejam-se a tabela abaixo:

Tabela 2 – Ocorrência do valor pontual/durativo

<i>D.F MÉXICO/MONTERREY</i>		
	<i>nº</i>	<i>%</i>
<i>Pontual</i>	30	30,6 %
<i>Durativo</i>	68	69,4%

(Fonte: autoria própria)

Conforme podemos observar, encontramos 98 ocorrências do *PPC* nas duas cidades mexicanas: D.F México e Monterrey. Desse total, entre as duas cidades, 30,6% (30 ocorrências) estão vinculados ao valor perfectivo/pontual e 69,4% (68 ocorrências) estão vinculados ao valor imperfectivo/durativo. Com esses dados, podemos afirmar que a variedade mexicana apresenta o valor durativo e, também, o valor pontual. Nos exemplos abaixo³, podemos constatar o uso do *PPC* veiculado ao valor aspectual durativo/imperfectivo e também ao valor pontual/perfectivo na variedade mexicana.

³ Os dados estão transcritos conforme os originais apresentados no projeto PRESEEA

- (18) *en mi trabajo en todos lados siempre **he sido** como la diferente*
(PRESEEA_MEXI_M12_048)
- (19) *es que realmente/ **he visto** casos realmente que ninguno es fiel ¿no?/ o aunque sean casados a veces dice no es que no soy casado*
(PRESEEA_MEXI_M11_084)
- (20) ***he tenido** así / bueno accidentes sí que de repente / por andar uno de / de travieso pero así / así gracias a dios / no me **he quebrado** ningún hueso*
(PRESEEA_MONR_H21_041)⁴

No exemplo (18), identificamos que PPC está vinculado ao valor durativo. Nessa frase, classificamos “tener” como um verbo de *estado* e sua forma composta está representando um estado resultante de uma repetição da mesma ação. Poderíamos traduzir como em português: “ em meu trabalho, em todos os lados, sempre *tenho sido* a diferente”.

No exemplo (19), também identificamos o valor durativo vinculado ao PPC, dessa vez, o valor durativo é encontrado em um verbo de *atividade* que possui traços [+ duração] e [+dinamicidade]. Nesse caso, a ação de ver dura e não tem um limite. De acordo com o contexto, seria o mesmo que dizer que ela viu homens infiéis, vê e continua vendo e por isso não pensa em se casar ou algo do tipo.

No exemplo (20), ambas as formas verbais estavam relacionadas à leitura perfectiva/pontual. Como dito antes, *tener* (ter) é um verbo de estado, entretanto, nesse exemplo, a forma verbal não estava relacionada a leitura durativa como o exemplo em (19), apesar do verbo tener ter traço [+ duração], essa forma verbal estava relacionada ao valor pontual. Já o verbo *quebrar*, classificamos como verbo de culminação, por se tratar de um verbo com traços de [+pontualidade], [+telicidade] e [+dinamicidade], ao levar em consideração o predicado, identificamos que nessa forma verbal o PPC estava vinculado ao valor pontual.

O contexto nos auxiliou para que pudéssemos identificar o valor aspectual vinculado nesse exemplo. Mesmo que o verbo “tener” seja um verbo de estado com traço de [+duração], não é suficiente para auxiliar na identificação do valor aspectual. Nesse caso, tivemos que analisar o contexto e as unidades que atuam como

⁴ As descrições, entre parêntesis, do *corpus* utilizado, seguem o padrão estabelecido pelo PRESEEA, a abreviatura do país: MONR (Monterrey); MEXI (Ciudad de México), em seguida o código referente aos fatores sociais, e, por último, o código representativo da catalogação dos dados.

predicado para poder identificar se valor era pontual ou durativo. Nesse contexto, o entrevistador pergunta a informante se alguma vez passou por algum perigo de morte ou algo parecido. E a informante responde dizendo que não, mas que teve alguns acidentes, porém, nada grave ao ponto de ter quebrado um osso.

A fim de verificar quais verbos podem aparecer com o valor durativo, classificamos todos os verbos de acordo com a classificação proposta por Zeno Vendler, como já comentamos no capítulo antecedente, conforme Bosque e Gutiérrez-Rexach (2009), Zeno Vendler, propôs uma classificação dos verbos em quatro categorias: (estados), (atividades), (realizações) e (culminação).

Tabela 3 – Classificação dos verbos

<i>Verbos</i>	<i>Pontual</i>		<i>Durativo</i>	
	<i>nº</i>	<i>%</i>	<i>nº</i>	<i>%</i>
<i>Estado</i>	6	21,50%	22	78,50%
<i>Atividades</i>	13	30,96%	29	69,04%
<i>Realizações</i>	0	0%	7	100%
<i>Logros</i>	11	52,39%	10	47,61%

(Fonte: autoria própria)

Como é possível observar, o tipo de verbo que mais aparece com o valor durativo é o de atividade, 29 ocorrências. O verbo que mais aparece em segundo lugar com leitura durativa é o de estado, 22 ocorrências. O verbo que menos aparece com o valor durativo é o de realizações, 7 ocorrências. Encontramos 52,39% dos verbos de culminação com valor pontual e 47,61% com leitura durativa. Nota-se, ao analisar os dados acima, que há uma predominância do valor durativo em quase todos os tipos de verbos, com exceção dos verbos de culminação. Já com relação a leitura pontual, verificamos que nem todos os tipos de verbos aparecem com essa leitura, como é o caso dos verbos de realizações que somente há ocorrência de leitura durativa.

Vale salientar, que verbos de realizações e verbos de culminação possuem traços [+pontual] e [+telicidade]. Nossa hipótese inicial, era que o PPC da variedade mexicana possuía o valor durativo/imperfectivo e os predicados que apareceriam

com esse tempo só poderiam ser predicados cujo aspecto léxico não fosse pontual. Entretanto, após a análise dos dados verificamos que não é bem assim que funciona.

Seguem abaixo alguns exemplos de PPC com verbos de culminação:

(21) *cuando voy a las reuniones / de mis amigas anteriores / todas hablan de que / oye / no salen la prensa / pero fíate que a fulanito le pasó / fíjate que a menganito le pasó / y eso yo no lo vi en la prensa / y viene la muchacha que / trabajó conmigo hace mucho tiempo / no señora es que ahí enfrente de mi casa **han matado** a muchos / y éstos no salen en la prensa / y es quen frente de no sé donde yo menteré que / y éstos tampoco salen en la prensa*
(PRESEEA_MONR_M33_106)

(22) *si vas a algunos edificios del centro // métete a Palacio Nacional // y pregunta / dónde están los cristales // fíjate en donde / **han puesto** un cristal en el piso / donde se ve el hundimiento*
(PRESEEA_MONR_M33_106)

No exemplo (21), apesar do verbo matar fazer parte da classe de verbos de culminação, tem-se o exemplo do PPC vinculado ao valor durativo. O verbo matar não está nessa frase representando uma ação dinâmica pontual, entretanto, o verbo matar está representando uma repetição da mesma ação. Ou seja, a informante comenta para o entrevistador que uma moça que trabalhou com ela a muito tempo, falou que em frente à sua casa tem matado a muitos e que esses não saem na imprensa. Verificamos que ação de matar, nesse exemplo, possui o valor durativo porque logo depois a informante comenta com um verbo no presente do indicativo *salen* (saem). Isso mostra que a ação possui uma leitura durativa. Se estivesse relacionada a uma leitura pontual, o verbo *salir* (sair) teria que está pelo menos conjugado no pretérito perfeito simples, como em: *han matado a muchos y éstos no salieron en la prensa*.

No exemplo (22), a palavra *poner* (*colocar*) por ser um verbo de culminação já proporciona o valor aspectual da ação, porém como vimos no exemplo que antecedeu a este, nem sempre o verbo de culminação vai proporcionar uma leitura pontual. Nesse exemplo, as unidades léxicas “un cristal en el piso” que estavam atuando como predicado nos permitiu identificar o valor de aspecto pontual.

Afim de verificar se há variação dialetal, quantificamos os dados das duas cidades mexicana:

Tabela 4 – Valor da forma composta

<i>Ocorrência</i>	PONTUAL		DURATIVO	
	<i>nº</i>	<i>%</i>	<i>nº</i>	<i>%</i>
<i>D. F México</i>	23	35,38%	42	64,62%
<i>Monterrey</i>	7	21,2%	26	78,8%

(Fonte: autoria própria)

Conforme podemos observar, encontramos 65 ocorrências do PPC no D. F. México, sendo que 35,38% das ocorrências encontradas têm o valor pontual e 64,62% têm o valor durativo. Em Monterrey, encontramos o total de 33 ocorrências, sendo 21,2% com leitura pontual e 78,8% com leitura durativa. Esse resultado mostra que tanto em Monterrey como no D.F. México há uma predominância do PPC vinculado ao valor durativo. Esse resultado nos leva a pensar que seria interessante verificar se o sexo, a idade ou nível de escolaridade influencia no uso do PPC com um dos valores, já que sabemos, a partir desses dados, que essa forma verbal na variedade mexicana expressa tanto o valor pontual como o valor durativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos realizados, as línguas humanas possuem princípios comuns a todas as línguas, por exemplo, todas as línguas possuem um sujeito e o que vai variar é se o sujeito vai ser marcado ou não; outro princípio universal é que todas as línguas possuem verbo e o que pode variar é a ordem desse constituinte na frase. Vamos ter variação entre línguas diferentes como é o caso do inglês e português, mas também vamos ter variação dentro de uma mesma língua, como é o caso, por exemplo, do português de Portugal e o português do Brasil. No Programa Minimalista uma variação dentro de uma mesma língua é denominada de variação microparamétrica.

A língua espanhola por ser língua oficial em mais de vinte países, com certeza, possui variação microparamétrica. Por exemplo, o pretérito perfeito composto da língua espanhola, de modo geral, é um tempo verbal usado como ação passada e perfeita que tem relação com o presente. Além disso, esse tempo verbal, normalmente, vem acompanhado com marcador temporal *como esta noche, este año, esta semana, hoy* e etc. Já o pretérito perfeito simples é definido como um tempo acabado, finalizado, sem nenhuma relação com o presente, normalmente, utiliza marcadores temporais como: *ayer, semana pasado, mes pasado* etc. Tanto o PPS como o PPC são caracterizados pelo aspecto perfectivo. Porém, conforme autores como Lope Blach (1992) e Moreno de Alba (2002), na variedade mexicana, o PPS é caracterizado com o aspecto perfectivo e o PPC é caracterizado com o aspecto imperfectivo.

Considerando que os usos dos pretéritos do espanhol mexicano são diferentes do espanhol em geral e que há essa variedade dentro da comunidade de fala mexicana, este trabalho objetivou analisar o uso do PPC na Ciudad de México e Monterrey. Nossa hipótese inicial era que o PPC possuía um aspecto imperfectivo e os predicados que apareceriam com esse tempo só poderiam ser predicados cujo aspecto léxico não fosse pontual.

Apresentamos esse Trabalho de Conclusão de Curso em quatro capítulos. No primeiro, fizemos uma revisão dos princípios básicos da Gramática Gerativa que norteiam a nossa pesquisa. E em seguida, mostramos que a variação do espanhol não se restringe apenas a diferenças léxicas e fonológicas, mas também a diferenças morfossintáticas como é o caso do nosso objeto de estudo

No segundo, revisamos a noção de *tempo*, *modo* e *aspecto*. Apesar do aspecto ser uma categoria verbal menos discutida pela gramática tradicional, nessa pesquisa, foi muito relevante mostrar a noção de aspecto e distingui-lo da categoria de tempo verbal. Além disso, apresentamos os dois tipos fundamentais de aspecto: *aspecto* léxico e *aspecto* gramatical, apesar de ter enfatizado no *aspecto* léxico, conhecido também como *Aktionsart*. Por fim, retomamos a nomenclatura de *PPS* e *PPC* e apresentamos, em especial, os valores atribuídos ao *PPC* do espanhol atual.

No terceiro capítulo, apresentamos a metodologia e o corpus utilizado. E em seguida realizamos a descrição e a análise dos dados levantados sobre o uso do *PPC* na variedade Mexicana, de fato, conseguimos confirmar a hipótese de Lope Blach (1992) e Moreno de Alba (2002) de que entre o *PPC* e o *PPS* a diferença não é somente temporal, mas também é aspectual.

Nossa hipótese inicial foi confirmada em parte, pois realmente o *PPC* na variedade mexicana tem o valor imperfectivo/durativo. Encontramos ocorrências que confirmavam que o *PPC* também está vinculado ao valor pontual. Não só encontramos o *PPC* com valor aspectual durativo, mas também com valor pontual. Ou seja, o *PPC* na variedade mexicana possui os dois valores aspectuais: o pontual/perfectivo e o durante/imperfectivo. No início dessa pesquisa, propomos fazer uma verificação de quais predicados poderiam aparecer com a forma composta, caso fosse confirmada a hipótese de que na variedade mexicana o uso do *PPC* está vinculado ao valor durativo.

Afim de verificar quais predicados poderiam aparecer com o *PPC*, classificamos todos os verbos de acordo com a proposta de Zeno Vender. Os verbos são classificados em: *verbo de estado*, ou seja, quando um evento não ocorre, mas sim, se dá; *verbo de atividade* – expressa um evento dinâmico que ocorre e progride no tempo sem fazer referência ao ponto final da eventualidade; *verbo de realizações* – expressa um evento dinâmico delimitado que progride até um limite interno e, por fim, temos o *verbo de culminação* que expressa evento dinâmico delimitado que culmina em um ponto.

Partindo dessa classificação, verificamos que o tipo de verbo que mais aparece com o valor durativo é o de atividade, entretanto, nem sempre o verbo vai favorecer para que se tenha uma leitura durativa ou pontual, pois não só os verbos são os principais responsáveis pelo aspecto léxico, mas todas as unidades léxicas

que fazem parte do predicado podem favorecer para determinar o valor aspectual do evento. Por isso, que alguns predicados verbais não aceitam o aspecto durativo, a não ser que tenham elementos no predicado que favoreçam para que se tenha a leitura de aspecto durativo.

Por exemplo, observamos frases que possuam verbos de culminação, porém o valor aspectual vinculado ao PPC era durativo, apesar do verbo de culminação ser caracterizado com traço de [+pontualidade]. Aconteceu também de encontrarmos frases com verbos de atividade ou de estado, porém o valor que estava vinculado ao PPC era o valor pontual, apesar do verbo de atividade ou de estado ter traço de [+duração]. Portanto, de acordo com nossa análise, não é possível determinar quais verbos favorecem para que o PPC tenha um valor durativo, pois até então, todos os tipos de verbos tiveram pelo menos três formas verbais com leitura de durativa, mesmo as que normalmente possuem traço [+pontualidade].

Por fim, ao analisarmos os dados levantados, verificamos que há uma predominância do valor durativo em todos os tipos de verbos. Constatamos que tanto em Monterrey como na Ciudad de México predomina o valor durativo vinculado ao PPC. Portanto, nossa hipótese sobre o valor durativo vinculado ao PPC na variante mexicana foi confirmada, entretanto, vale destacar, que essa forma verbal está vinculada tanto ao valor pontual como o valor durativo; e o que determina esse valor são as unidades léxicas que atuam como predicado e não somente o verbo.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. **A alternância entre o pretérito perfeito simples e composto em Monterrey e Cidade do México.** 2018. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2019.

ARAÚJO, L.. O pretérito perfecto em espanhol: entre a expressão do antepresente e outros valores. **Cadernos linguísticos**, v. 60, n.1, p. 4770, 2018.

CARRARO, F. P. **Crenças e atitudes linguísticas: um olhar sobre a língua espanhola como língua estrangeira**, 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) UNICENTRO, Guarapuava, 2016.

Carvalho, D. Traços. In: FERRARI NETO, J.; SILVA, C.R.T. (Orgs.). **Programa Minimalista em Foco: Princípios e debates**. Curitiba: CRV, 2012, p.113-132.

CHOMSKY, N. Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente. D.E.L.T.A., v. 13, número especial, p. 49-71,1997.

_____. **O conhecimento da Língua: Sua Natureza, Origem e Uso**. Lisboa: Caminho, 1994(1986).

COMRIE, B. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

DE MIGUEL, E. El aspecto léxico. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Orgs.). **Gramática descriptiva de la lengua española. v. 2**. Madrid: Espasa Editorial, 1999, p. 2977-3060.

DI TULLIO, A. **Nueva Gramática de Español**. Buenos Aires: WALdhuter, 2014.

SCHALKOSKI-DIAS, L.; GODOY, E. La oposición pretérito simple/pretérito compuesto en el español de América: una mirada sobre las construcciones interrogativas. In: Anais do III Congresso Brasileiro de Hispanistas, 2004.

EGUREN, L.; SORIANO, O. **Introducción a una sintaxis minimalista**. Madrid: Gredos, 2004.

FIGUERA, C. **Usos del pretérito perfecto simple y compuesto en la lengua española**. 2017. Monografia (Conclusão de Curso em Filología). Universitat de Barcelona. Barcelona, 2017.

FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. **El español de América**. Madrid: Mapfre. 1992.

GILI GAYA, S. **Curso Superior de Sintaxis Española**. 12. ed. Barcelona: Bibliograf, 1978.

GOMÉZ TORREGO, L. **Gramática didáctica del español**. São Paulo: Edições SM, 2005.

GUTIÉRREZ-BRAVO, R. La sintaxis del español mexicano: um esbozo. Cuadernos de la ALFAL, v. 12, n. 2, p. 44-70.

HERMONT, A. B.; OTONI, J. S. As categorias tempo e aspecto e sua relação com marcadores na língua tetúm-praça. **Linguística**, v. 12. p. 135-160, 2016.

IRALA, V. A opção da variedade de espanhol por professores em serviços e pré-serviços. **Linguagem e Ensino**. v.7. n. II. p.99120, 2004.

KENEDY, E. **Curso Básico de Linguística Gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.
LLORACH, Emilio Alarcos. **Estudios de Gramática Funcional del Español**. 2.ed. Madrid: Gredos, 1978.

LOBATO, L. **Sintaxe gerativa do português. Da teoria padrão à teoria da regência e ligação**. Belo Horizonte: Virgília, 1986.

LOPE BLANCH, J. M. Esbozo histórico del español en México. In: HERNÁNDEZ ALONSO, C. (Org.). **História Y presente del español de América**. Valladolid: Junta de Castilla y León, 1992. p.607-626.

_____. Sobre el uso del pretérito en el español de México. In: **Homenaje ofrecido a Dámaso Alonso por sus discípulos y amigos con ocasión de su 60 cumpleaños**. Madrid: Gredos, 1961, p. 373-385.

LÓPEZ, J. F. **Clasificación de los verbos por su aspecto léxico o aktionsart**, 2018. Disponível em: <<http://hispanoteca.eu/gram%C3%A1ticas/Grammatik%20Spanisch/Verbos%20-%20Clasificaci%C3%B3n%20sem%C3%A1ntica.htm>>. Acesso em: 02 de jun 2021.

MILANI, E. **Gramática de espanhol para brasileiros**. São Paulo: Contexto, 2008.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. **Novo manual de sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

MODESTO, M. **O Programa Minimalista em sua primeira versão. Abordagens computacionais da teoria da gramática**. São Paulo: Mercado de Letras, 2012.

MONHALER, M. E.; MATIAS MIRANDA, A. F. La diversidad lingüística del español en el mundo contemporáneo: propuestas de actividades didácticas. In: **Actas del III Congreso Internacional SICELE**. 2017. Disponível em: <https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/sicele/006_matiasmonheler.htm>. Acesso em 02 de jun 2021.

MORENO DE ALBA, J. G. **Puede ser imperfecto el pretérito perfecto?** Anuario de Letras, v. 40, p. 73-91, 2002.

_____. **Las formas verbales y sus valores en el español hablado en México**. 1975. Tesis (Doctorado en Filología Hispánica) - Universidad Nacional Autónoma de México, México, 1975.

MOURA, H.; CAMBRUSSI, M. **Uma breve história da linguística**. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

MURRIEL, C. G.; REBAGLIATI, J. W. **Elementos de gramática española**. 1.ed. Lima: Universidad del Pacífico, 1992.

PALACIOS, A. Variedades del español hablado en América: una aproximación educativa. In: DE MIGUEL, E. (Org.). **Las lenguas españolas: un enfoque filológico**. Madrid: MEC, 2006, p. 175-196.

PINTO, C. F. Los critérios sintácticos en la división dialectal del español. In. PINTO, C.F.; IRALA, V. (Orgs.). Um dossiê de estudos linguísticos hispânicos. São Paulo: Casa do Novo Autor, 2009, p. 61-97.

_____. A língua espanhola? Ou as línguas espanholas?. In: **IX Seminário de linguística aplicada/IV**. Seminário de Tradução, 2008, Salvador: EDUFBA, 2008. P. 1-10.

PRESEEA (2011): **“Guía PRESEEA para la investigación lingüística”**. Vers. 2.0 22-01- 2011. Disponível em: <<http://preseea.linguas.net/Corpus.aspx>>. Acesso em: 02 de jun de 2021.

RAE. **Nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa, 2010.

RAPOSO, E. **Teoria da Gramática: a faculdade da linguagem**. Lisboa: Caminho, 1992.

ROJO, G; VEIGA, A. El tiempo verbal. Los tiempos simples. IN: BOSQUE, I; DEMONTE, V. (Orgs.). **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**. v. 2. Madrid: Espasa-Calpe, 1999, p. 2867-2935.

SANTOS, A.. **A variação da língua espanhola num curso de formação de professores de E/LE no Brasil**. 2016. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SILVA, A. S. da. Variação linguística e pluricentrismo: novos conceitos e descrições. In: **Actas do XIII Congresso Internacional de Linguística Xeral**. 2018, p. 839-845.